



Mário Mattos

CONTOS TROPEIROS
e outras narrativas

Φ editora fi

Mário Mattos nasceu em Pelotas em 1924. Autodidata, desenhou cenas gaúchas desde os 15 anos de idade. Formou-se em Agronomia e, nesta condição, continuou relacionado com a gente do campo. Ao se transferir para Sorocaba, ali restabeleceu o elo entre dois povos brasileiros com a implantação da “Semana do Tropeiro”, evocativa de nosso passado em comum” (BARBOSA LESSA, 1978).

Mário Mattos já é jornalista experiente quando começa a escrever contos em 1983. Após Ingressar na Academia Sorocabana de Letras, escreve a coluna semanal Fogo de Tropeiros como colaborador do jornal Cruzeiro do Sul de Sorocaba, SP. Datam dessa década os primeiros 14 contos da presente série. Os demais são produzidos a partir da década de 90 - quando Mário de volta ao Sul, frequenta oficina de criação literária em Pelotas, RS.

Por que motivo, Mário, somente agora, 30 anos decorridos do teu primeiro ensaio e aos 89 anos de idade, é tomada a decisão de reunir em livro a prosa de ficção produzida ao longo dos anos? Ele responde: Primeiro, porque nessas narrativas, há em comum a intenção de transmitir uma certa força cultural, telúrica. Em segundo lugar, os temas trágicos embora realistas, não induzem a conclusões depressivas. A experiência vista com olhar aberto e amplo, pode trazer lições vivificantes. Por último, os contos refletem uma visão multilateral, atual e histórica da sociedade brasileira nas áreas do Grande Pampa Cultural – universo dos gaúchos e tropeiros - que vivenciei. Por que guardar essas vivências no bolor de um baú?...

Que o leitor, ao passar pela experiência das narrativas, interaja e amplie sua visão de mundo em busca de uma alma de horizonte - é a esperança do autor.

 editora fi
www.editorafi.com



917885661923209

CONTOS TROPEIROS
e outras narrativas

Comitê Científico da Série Filosofia e Interdisciplinaridade:

1. Agnaldo Cuoco Portugal, UNB, Brasil
2. Alexandre Franco Sá, Universidade de Coimbra, Portugal
3. Christian Iber, Alemanha
4. Claudio Goncalves de Almeida, PUCRS, Brasil
5. Danilo Marcondes Souza Filho, PUCRJ, Brasil
6. Danilo Vaz C. R. M. Costa (UNICAP)
7. Delamar José Volpato Dutra, UFSC, Brasil
8. Draiton Gonzaga de Souza, PUCRS, Brasil
9. Eduardo Luft, PUCRS, Brasil
10. Ernildo Jacob Stein, PUCRS, Brasil
11. Felipe de Matos Muller, PUCRS, Brasil
12. Jean-François Kervégan, Université Paris I, França
13. João F. Hobuss, UFPEL, Brasil
14. José Pinheiro Pertille, UFRGS, Brasil
15. Karl Heinz Efken, UNICAP/PE, Brasil
16. Konrad Utz, UFC, Brasil
17. Lauro Valentim Stoll Nardi, UFRGS, Brasil
18. Michael Quante, Westfälische Wilhelms-Universität, Alemanha
19. Migule Giusti, PUC Lima, Peru
20. Norman Roland Madarasz, PUCRS, Brasil
21. Nythamar H. F. de Oliveira Jr., PUCRS, Brasil
22. Reynner Franco, Universidade de Salamanca, Espanha
23. Ricardo Timm De Souza, PUCRS, Brasil
24. Robert Brandom, University of Pittsburgh, EUA
25. Roberto Hofmeister Pich, PUCRS, Brasil
26. Tarcílio Ciotta, UNIOESTE, Brasil
27. Thadeu Weber, PUCRS, Brasil

Série Filosofia e Interdisciplinaridade - 7

Mário Mattos

CONTOS TROPEIROS
e outras narrativas

Porto Alegre |
2014

Φ editora fi

Direção editorial: Agemir Bavaresco
Diagramação: Lucas Fontella Margoni

Série Filosofia e Interdisciplinaridade - 7

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

MATTOS, Mário

Contos tropeiros e outras narrativas [recurso eletrônico] / Mário
Mattos. -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2014.

131 p.

ISBN - 978-85-66923-20-9

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. História do Brasil. 2. História do Rio Grande do Sul 3. Contos.
4. Narrativas I. Título. II. Série.

CDD-981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil 981

INDICE

LUTA ARMADA.....	13
O FUZILAMENTO	17
O REBENQUINHO DA SORTE	19
DON SARAIVA.....	21
BRAGADINHA	23
CARA-BRANCA	25
NEGRO AMBRÓSIO	27
CARRETEIRO NICO VELASCO.....	29
NEGÓCIOS LIMPOS.....	32
ONÇA DE OURO DO PEÃO ELPÍDIO	35
OS ÚLTIMOS CINCO ALQUEIRES.....	38
UMA DOMA DIFERENTE.....	40
A AVENTURA DO BERTOLINO	42
QUERES CONHECER O VILÃO?	44
O MÉDICO E O TAXISTA	46
ANGÉLICA	47
O ADVOGADO	53
O QUEIXINHO DA MERÊNCIA - PENAR DE MOÇOS	59
O TESOURO DOS JESUITAS.....	71

LEITURAS DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO

EU, BONIFÁCIO ! (ANTES DA CARREIRA GRANDE).....	87
<i>Uma releitura de O NEGRO BONIFÁCIO</i>	
TUDINHA E O ESPELHO	91
<i>Uma releitura de O NEGRO BONIFACIO</i>	
O ENTÉRRO DO NEGRO BONIFÁCIO.....	95
<i>Uma releitura de O NEGRO BONIFÁCIO</i>	
OS NOMES DA ROSA	98
<i>Uma releitura de NO MANANTIAL</i>	
SEIS DIAS DE LICENÇA.....	103
<i>Uma releitura de OS CABELOS DA CHINA</i>	
O RASTRO DA BOITATÁ	108
<i>Uma releitura de JOGO DO OSSO</i>	
QUAL FOI O DESTINO DE BINGA CRUZ?.....	112
<i>Uma releitura de PENAR DE VELHOS</i>	
O BATIZADO DO NETO	117
<i>Uma releitura de CONTRABANDISTA</i>	
UM ESTRANHO NO NINHO	124
<i>Uma releitura de O MENININHO DO PRESÉPIO</i>	
A MOEDA.....	129
<i>Uma releitura de TREZENTAS ONÇAS</i>	

PREFÁCIO

O convite para prefaciar estes “Contos Tropeiros e outras narrativas” me deixa especialmente feliz, por diversos motivos. O primeiro deles, certamente, é o de ser lembrado, desde longe, por um intelectual tão cheio de qualidades e de talentos, como é o caso de Mário Mattos. Não lhe faltariam, tanto entre artistas plásticos, como na seara da literatura ou de cultura regionalista, conterrâneos e parceiros ilustres, para apresentar este livro, que é fruto de uma vida plena de realizações na área cultural.

É claro que, embora eu seja um afeiçoado quase exclusivo da História, existem, entre mim e o autor, inúmeros pontos de interesses coincidentes. Há vários anos, desde 2002 e 2006, respectivamente, dois belos desenhos de Mário Mattos enfeitam as paredes da minha casa, para admiração e deleite dos que me visitam. E também em 2006, há oito anos, portanto, o autor me honrou com os originais de vários de seus contos de releitura, que são variações sobre temas dos Contos Gauchescos de Simões Lopes Neto, agora incorporados a esta coleção de narrativas. Na ocasião, também me obsequiou com um estudo ilustrado de hipologia gaúcha, incluindo lições de linguagem crioula sobre formas de atar a cola do pingo, recorte de crinas e nomenclatura campeira sobre o cavalo. É com grande satisfação que tenho agora a oportunidade de registrar meu

apreço pela atividade artística e literária do veterano Mário Mattos.

Verifico que ele cultivava a arte do conto há muito tempo, desde a época em que morou no Estado de São Paulo, em Sorocaba, detalhe que eu ignorava de sua biografia. Há alguns contos, raros, em que se pode perceber a ambiência paulista, quando o narrador fala em alqueires como medida agrária de superfície, em áreas de “pasto” e em cavalo mangalarga. Mas, no todo, a ficção de Mário Mattos é uma lição de gauchismo, de linguagem campeira, nos melhores padrões dessa zona Sul do Estado, que eu tanto estimo. E suas releituras de Simões Lopes Neto, com inéditas narrativas e improvisos criativos, além de revelarem o culto que o autor dedica ao grande vulto pelotense das letras rio-grandenses, lembram o melhor das variações musicais, que, embora alterando o compasso e o ritmo da música transformada, mantêm a nobreza e a qualidade do tema original.

“Contos Tropeiros” é livro que se recomenda à curiosidade e ao bom gosto dos amigos da leitura e da criação literária regional.

Sérgio da Costa Franco

CARO LEITOR

Os primeiros quinze contos desta série - metade do livro - foram escritos a partir de 1982, quando o autor residia em Sorocaba, SP. São os primeiros ensaios literários de um aprendiz autodidata. Convidado pelo escritor sorocabano Armando Oliveira Lima, ingressei na então recém fundada Academia Sorocabana de Letras Ocupei a Cadeira 27 escolhendo como patrono o escritor pelotense João Simões Lopes Neto. Não querendo ser um acadêmico *medalhão* - e já sendo colaborador gratuito do jornal Cruzeiro do Sul com seção semanal de crônicas intitulada *Fogo de Tropeiros* - passei a publicar na mesma seção as narrativas, curtas para caber no espaço a mim cedido pelo redator-chefe, jornalista Sérgio Coelho de Oliveira. Achava-me afastado da querência gaúcha já há catorze anos, desde 1958. Contudo não me sentia no direito de trazer em coleção apenas as saudosas vivências do meu pago de origem. Por isso amigo leitor, encontrarás no elenco das quinze narrativas na referida metade - entreverados meio a meio - temas gaúchos e também temas *tropeiro-paulistas*. Quis prestar homenagem às comunidades interioranas que conheci como engenheiro agrônomo e onde travei amizades duradouras que me ensinaram a ser mais brasileiro. Previno-te que nestas narrativas vais te deparar com olhares diversificados. Peço porém levares em conta que em todas elas o discurso literário-ficcional provém de um único observador,

exprimindo no essencial, sempre mesma visão de mundo pessoal, que nas várias paisagens busca a coerência com a Vida. Digo o mesmo dos demais quinze contos, da segunda metade do livro. Esses, contudo, foram escritos, após minha volta ao pago em 1990, já aposentado e tendo freqüentado, na virada do século, a *oficina de criação literária* ministrada pela festejada escritora pelotense Hilda Simões Lopes. Verás nessa série, Leitor, que há uma maioria de *contos de releitura*, inspirados nos *Contos Gauchescos* de João Simões Lopes Neto. Foi uma sugestão que aceitei de nossa *Hildinha* monitora da citada Oficina. Longe de ser uma cópia servil – e muito menos ainda uma pretenciosa invasão competitiva – trata-se, sim de textos com luz própria e novo espaço narrativo, onde se imagina aspectos da vida de um personagem, antes ou depois do acontecimento textualizado por Simões Lopes. A legitimidade dessas releituras reside na criação de metáforas que possam representar as “trocas de figurinhas” do novo autor com a Vida, buscando criar ao mesmo tempo uma nova ficção e uma linguagem poética que não se desmereça perante a obra imortal do Mestre Simões. Caro leitor: Ficarei feliz se, mesmo antes de conhecer os *Contos Gauchescos*, possas perfeitamente ler e entender o enredo de meus contos de releitura e formar teu próprio juízo. Ficarei mais feliz ainda se este meu desprezioso livro possa contribuir de alguma forma para a opção de te tornares mais um leitor do grande João Simões Lopes Neto.

Pelotas, junho de 2014

Mário Mattos

CONTOS TROPEIROS
e outras narrativas

LUTA ARMADA

Montado no tordilho e puxando a cabresto o cavalo cargueiro, Tomaz vai escapando dos tiros que vêm do mato próximo. Bem que avisara o velho Neto de que fora um erro acamparem as forças revolucionárias naquela canhada. Quando o inimigo rompeu fogo de surpresa do capão lá no alto, ele teve de ajudar os novatos na retirada, ficando por último. Agora vai calmo, mas pensa na mulher e nos filhos pequenos.

Um relincho de dor e um tombo. O cargueiro fora abatido com bala de fuzil. Com o tirão, o tordilho estacou. Tomaz está de sangue fervendo. Ao invés de fugir, desmonta. Vai ao cavalo morto tirar sua mochilas - “se estou perdido, eles não vão ver um covarde”...

A notícia da morte de Tomaz chegou logo à cidadezinha gaúcha ocupada pelas forças governistas. Os correligionários choravam a perda de Tomaz como se fosse de um irmão. Ele era o dentista do lugar, homem de liderança e valor. A esposa Anabela passou a receber visitas compungidas, gente se oferecendo. Aquilo era como um tiro no seu peito.

“Estou viúva. Meu Deus, não pode ser!...” Ela presenciara, em quase um ano de revolução, o desespero das esposas que perdiam seus maridos. De sua mente não saía o semblante querido de seu Tomaz. Conheceram-se quando ela era a moça mais bonita e prendada do lugar. Aquele

moço sério, meia estatura, corpo franzino e enérgico, conquistara-a com seus grandes olhos pestanudos. Felizes, com seus dois filhos pequenos, tiveram de separar-se. “Pégo em armas contra a imoralidade do voto a descoberto, que o poder utiliza para coagir cidadãos.” Mas lutavam quase desarmados, como *bandoleiros*. Era assim que os borgistas do governo os chamavam. Pobre Tomaz!...

“Nunca vi semelhante coragem. Um moço franzino, de lenço vermelho, nos enfrentou sozinho, mesmo perdido”. O cabo governista, no meio dos soldados que bebiam na venda do Zeca Fidêncio, completava a narrativa: “Mandeí meus homens suspenderem o fogo e o cavaleiro se foi ao trote, com as mochilas na garupa do tordilho, sem a mínima pressa”.

O inimigo já saíra da vila e foi fácil torná-la sem resistência. Zeca Neto e seus valentes entram em triunfo. Um deles é o mais aclamado, o capitão Tomaz, herói ressuscitado. A custo consegue descer em frente à casa para receber nos braços Anabela e os filhos.

Anabela lhe dá a notícia de que a paz está próxima. Um tratado entre Assis Brasil e Borges de Medeiros. No afago da família, Tomaz reflete em seu íntimo: “O inimigo me poupou. Para a luta armada, sou um homem morto. Se eu viver até o fim dessa guerra estúpida, vou procurar lutar de outro jeito. O diálogo, a luta política, a força da opinião e da verdade, vencerão.”

Anabela estava feliz. Mas, pelo golpe terrível que recebera, passou a sentir palpitações, o coração disparando todas as noites pela vida afora...

O FUZILAMENTO

“Tragam o prisioneiro!” À seca voz do comando, a escolta vai até a prisão e traz o velho Gote à presença do improvisado tribunal. Robusto e de cabeça erguida, apesar das olheiras e da barba desfeita, o velho tropeiro reúne as energias para enfrentar o que sabia estar pela frente.

No Pampa, Ruivo quase desespera por ver o trancão de seu pangaré cansado. “Não anda! Será possível?... Nesse momento, vê a manada perto e saca da cintura as boleadeiras. “Tenho de acertar, por amor de Deus, tenho de acertar!”...

O oficial lê a acusação. O preso é acusado de negociar com as forças contrárias, fornecendo-lhes animais contrabandeados. Resistiu a prisão ferindo um praça. “Sou inocente, meus papéis estão em ordem, resisti à violência em legítima defesa.” De nada adiantaram os protestos. “Condeno-o ao fuzilamento esta madrugada.”

Ruivo passa os arreios do pangaré para o zaino recém-apresado. É manso e bom de patas”, regozija-se.

Madrugada cedo o preso é vendado e levado ao barranco, enquanto o pelotão de fuzilamento está sendo posto em forma. Velho Gote pensa na mulher que o espera lá em Sorocaba. A fatalidade o envolvera naquela cruel confusão. Não era um covarde, morreria com dignidade.

O zaino nada como uma capivara na travessia do rio, conduzindo o Ruivo no lombo. “Já falta pouco, já falta pouco!... anda meu cavalinho, anda que depois eu te solto!...

O pelotão de cinco soldados aproxima-se do barranco onde está o prisioneiro de olhos vendados. O oficial manda formar fila. Tira a espada da bainha. “Preparar!”...

Ruivo, a galope, avista a cena. Os soldados já atendem a ordem de apontar. O oficial levanta a espada para dar a ordem final.

“Fogo !..” Os soldados disparam , mas há um cavaleiro gritando entre os fuzis e o prisioneiro. O zaino tomba mortalmente atingido. Ruivo está no chão, com balas nas pernas. Na mão direita tem um canudo que agita para o oficial, com o sinete da república farroupilha.

“De ordem do general Bento Gonçalves da Silva, comandante em chefe das forças farroupilhas, não é considerado crime o livre comércio de animais pelos tropeiros paulistas, evitando-se persegui-los por eventuais requisições forçadas das tropas inimigas. A república riograndense tem todo o interesse em manter o intercâmbio com as demais províncias do império apesar da guerra que nos infelicita e divide”. O oficial manda libertar o velho Gote.

Ao ser tirada a venda dos olhos, estes voltam a turvar-se com as lágrimas; “Meu filho Ruivo!... Então foi você! “Sim, pai, cheguei em tempo graças a este pobre e valente matungo”. Pai e filho, abraçados, acariciam o cavalo morto.

O REBENQUINHO DA SORTE

A travessia era longa com o rio Camaquã novamente em cheia. O balseiro Rosendo dirigiu-se ao único passageiro:

Veio de longe, patrão? A resposta veio brusca: “Não é da tua conta.” Calou-se Rosendo, limitando-se a observar, enquanto impulsionava a pequena balsa. Depois de manear o picaço que bufava nervoso, o homem pareceu não confiar no animal. Pegou da garupa os peçuelos de couro. Algo mais valioso do que roupas havia ali, para tanto cuidado...

“Lindo rebenque, elogiou Rosendo. Quanto vale?” O pequeno chicote, argola de prata lavrada e todo trançado era mesmo uma jóia pendurada ao punho do viajante, que, tocado na vaidade, respondeu:- um ano do que tu ganhas não paga este rebenque. Nem vendo, pois já me salvou a vida neste mesmo rio, há vinte anos, numa travessia de tropa. Meu cavalo foi levado pela enchente eu me segurei enganchando meu rebenquinho num tronco que boiava”. Ah, iluminou-se em seu íntimo o balseiro, então esse é o tal Florício Cintra !...

Balseiro por changa, mas tropeiro vaqueano, Rosendo conhecia a fama de jogador e falso comprador de tropas do aventureiro Florício. Fora salvo, sim, do afogamento no Camaquã, mas pelo seu tio, o velho Libório que o recolhera, segurando pelo rebenquinho, em seu bote carregado de sacos de trigo. Para subi-lo ao bote, tio Libório não vacilara em despejar no rio toda a preciosa carga de

grãos. Depois de são e salvo na margem, Florício com o maior cinismo, virara as costas aos prejuízos do velho, dizendo que seu salvador fora o rebenquinho. Rosendo, tocando a balsa, ruminava que o ingrato precisava uma lição.

O varejão de taquara empurrou como uma alavanca!... A balsa deu um giro brusco. Na esquina, o passageiro perdeu o equilíbrio e caiu como um capincho n'água...escaparam-se-lhe os pessuelos correnteza abaixo. Aos gritos de socorro do naufrago, entrecortados por goles d'água, Rosendo respondia girando a balsa: - Já vou lá,!...Estenda o rebenque que eu não alcanço!... Afinal, desmaiado, foi puxado pelo chicote e suspenso ao tablado. Caira-lhe também o revólver 38, restando apenas a faca na cintura.

Ao recuperar-se, já na outra margem, Florêncio enfureceu-se: - O dinheiro de minha tropa foi-se, por tua culpa. Vou te cortar, desgraçado!... Não chegou a desembainhar a faca. Escorava-lhe o osso do peito a ponta da adaga de Rosendo.

- Não gosto de gente mal agradecida. E ando procurando um tal de Florício para passar no fio da minha adaga. É você?...

Bom jogador, Florício sentiu que perdera. - Que Florício?... Meu nome é João!.... E murmurou, conciliador::

- Está bem, parceiro. Perdido por perdido, truco!"... Montou e foi andando.

Já andara uns 50 metros quando ouviu chamar: - Seu João!... Voltou-se humilde como boi costeadado e escutou a voz de Rosendo: - Estime bem esse seu rebenquinho. É a segunda vez que ele salva a sua vida!...

DON SARAIVA

No fogo de chão do Encontro de Tropeiros, a prosa girava sobre a vida áspera dos domadores. Falava-se dos perigos, das quedas e fraturas a que está sujeito esse profissional desprotegido das leis. Foi quando o jovem gaúcho Dércio contou-nos a história de Don Saraiva.

“ Eu passava as férias na estância do tio Juca. Estávamos mateando na frente, quando vimos surgir na estrada aquele estranho desfile, uma tropilha de seis cavalos magros e na frente aquela figura, que se não fosse negro era o próprio Dom Quixote pilchado à gaúcha. Velho, comprido e magro, com barbicha branca, olhos arregalados e falando com os animais em sotaque castelhano, aquilo provocava risos. Pedi pousada e meu tio, como sempre fazia, concedeu.”

“ No dia seguinte Don Saraiva fez questão de ir ao campo com a peonada. Encilhou um cavalo velho da fazenda, o zaino marchador, macio de andar e ainda buenaço, mas já fraco no repuxo, como o próprio Saraiva. E foi ficando. No galpão da fazenda, nas refeições e no mate, muitos tentaram atirar-lhe graçolas e motejos, mas as respostas altivas e o olhar penetrante do velho impunham respeito à rapaziada”.

“Um dia, por acaso, vieram ter na mangueira os baguais de Don Saraiva, junto à cavalhada da invernada. Haviam engordado e fiquei fascinado com aqueles animais

robustos e bem feitos, mas todos “aporreados”, isto é, com a cabeça lacranada a porrete e quatro deles cegos de um olho.. Um pujante zaino de olho torto juntava-se nessa desgraça a um belo douradilho e a dois bragados, todos clinudos e fortes, mas caolhos. O último um gateado trazia fundas cicatrizes no focinho. O lobuno tobiano do andar do velho, era o menos marcado Pensei comigo que, na impossibilidade física de terminar as domas,o velho ia pegando todos os aporreados que lhe dessem e se mandava pela estrada afora. Só que agora, ao que parece, chegara para ficar.”

“Um dia o Romualdo e o Ataíde faziam recorrida pela estância quando viram uma revoada de urubus em círculos lá no Cerro Grande. Galoparam para lá e depararam com a cena: o zaino encilhado pastando de rédeas caídas ao lado do cadáver estendido de Don Saraiva. Morreu como um guerreiro, olhando para o céu. Meu tio, que entendera a tragédia do domador fazendo vista grossa a sua insólita hospedagem, providenciou-lhe um enterro de pobre.

Primeiro foi o mulato Simplício que passou a fazer as lidas de campo no lobuno e ficou de dono. Ninguém falou nada. Depois, pouco a pouco os outros animais foram sendo pegados e amansados - o que é que resiste a necessidade do pobre? E passaram a ter donos e serventias novas. Meu tio fingia que não via. E assim, conclui o Dércio: - um domador tão pobre e judiado da vida, teve a morte que quis e ainda deixou de herança alguma alegria para os pobres.”

BRAGADINHA

“Já te aconteceu de quereses fazer um bem e terminares fazendo um mal?” A pergunta quem me fazia era o Chico, velho amigo de infância, chimarreando à sombra da figueira em nosso feliz reencontro após muitos anos.

“Te lembras da Bragadinha xucra, aquela égua que nunca perdeu o jeito de potranca? Eu recordava, sim, aquela cena que presenciáramos juntos, quando meninotes em férias na estância de Dona Velha, tia – avó do Chico. Haviãam trazido a manada de éguas da longínqua invernada da Costa do Camaquã. Na grande mangueira de pau a pique, os animais nervosos trocavam orelhas e corriãam em volta a qualquer gesto nosso. Sempre à frente do grupo, destacava-se uma égua pequena, mas toda bem feita, ligeira como quê. Pelagem colorada cola e crina pretas, calçada das quatro patas, pequena mancha alva na barriga. Testa branca de frente bem aberta, a cabeça pequena de olhos vivos e orelhas curtas, fazia o tipo agreste e raro da raça Crioula. No meio daquela eguada comum, parecia uma Deusa saída das águas.

“Tu chegaste a conhecer suas crias. Quer de bagual do campo, quer de reprodutor da fazenda, sempre saía coisa boa: cada potrilho e potranca que só vendo. Que pesar eu sentia de não ser dono da Bragadinha, pois conhecia a luta dos pioneiros pela seleção da Raça...

Como sabes, com a morte da Tia, meu pai herdou o campo da costa. Eu já formado, estava medindo terras por

lá. Então fiz o plano de perpetuar o sangue da Bragadinha. De um fazendeiro amigo, tinha oferta da cobertura de um belo garanhão Crioulo registrado, que possuía em outro município. Era só dar jeito de levar até lá a égua velha.

“Preso pelos peões, com um buçal enfiado na cabeça, foi só apresilhar o cabo do cabresto na cincha do meu Rosilho. Arrancada assim de sua querência e “sentando” todo o caminho, a egüinha aos tirões foi arrastada comigo por 3 léguas. Ainda vejo seus olhos arregalados de angústia, mas valentes e atrevidos. Quando chegamos na sede, à beira da estrada, soltei-a no piquete da frente, onde não havia outros animais. Queria tê-la à mão quando viesse o caminhão para levá-la.”

“Eu me achava em serviço noutra fazenda há dias, quando vieram me avisar que a égua morrera. Corri ao local. Seu corpo estava atravessado debaixo do arame da estrada, a cabeça do lado de fora, procurando sair. Morrera de sede, disseram-me. Este *maturrango* não sabia que o pasto não tinha água. Matei a pobrezinha...!

“Calma, amigo Chico. Pelo menos tua intenção foi boa”, consolei. “O diabo, retrucou ele, é que de boas intenções o inferno está sempre cheio.” Naquela noite sonhei com o Paraíso dos Bichos. Lindas Campinas, regatos, povoados de Emas, Cervos e Quero-queros. No meio, corria uma manada de éguas. E na frente delas o vulto inconfundível, ágil e feliz da Bragadinha...

CARA-BRANCA

Cara – Branca estava feliz, pois conseguira atravessar a cerca caída e fazer novas esposas na invernada que invadira. Foi quando apareceram os homens a cavalo, recolhendo o gado de cria para o banho carrapaticida. “Aquele touro não é da fazenda” disse contrariado o capataz. Mas Cara-Branca não tomou conhecimento da má-vontade e seguiu misturado no rebanho que ia sendo tocado para a sede.

Na grande mangueira em forma de seringa, os homens a pé espantavam o gado em sucessiva sortidas para que enchesse a encerra. Os lotes assim encerrados eram acuados para o corredor ou brete do banheiro até lançar-se nele e atravessar nadando para o outro extremo onde ficava o escorredor. Nas sortidas do mngueirão, o Cara-Branca escapava sempre à última hora com o lotes de suas favoritas. Até que sobrou sozinho e acuado pela cachorrada. Foi então que o grande touro vermelho – pampa esgotou sua tolerância. No meio da mangueira, ficou empacado de cabeça baixa. Parecia não ligar para os latidos, mas seus olhos estavam vermelhos e babava.

O primeiro que se julgou mais valente do que ele foi o filho do estancieiro, estudante em férias. Já enfrentava na mangueira , as investidas de vacas xucas, que vacilavam e desviavam à ultima hora. Desprezando os conselhos e advertências dos mais velhos, o moço pulou para dentro daquela arena de colchões ásperos formados pela erosão; e

caminhou em direção ao touro. – Quê?... Isso não faz nada!...”, gritava o louco temerário, com tijolos nas mãos. Mas a sua empáfia logo se desfez. Cara-Branca, erguendo com majestade a soberba cabeça de chifres arqueados, já carregava em sua direção, trazendo uma tonelada de beleza e fúria. Largando os tijolos e até os tamancos que calçava, o jovem virou as costas ao tropel que se avizinhava e correu para a cerca de dez fios, indiferente às pedrinhas que lhe cravavam nos pés. Mãos no arame superior, o salto de mergulho salvou-o por um triz da cabeça armada do touro...

O segundo a enfrentar Cara Branca foi o capataz. Entrou a cavalo no mangueirão e teve até facilidade em fechar o laço nas aspas do touro, pois este, lá no centro, voltara à posição de cabeça baixa ante a acuada dos cães. Esporeando o cavalo, um baio ruano meio ressabiado, o capataz, entrou pelo corredor afunilado do banheiro, estirando o laço. Pensava sair pela porta lateral quando o touro carregasse. Cara Branca sentiu o laço e investiu na sua direção. Aí, aconteceu o imprevisto. A barrigueira escorregara na virilha, e o baio empacou. O capataz empalideceu, pois estava numa armadilha, naquele corredor estreito. Por acaso, o touro viu luz mais à frente e não parou - passou riscando os pelegos dos arreios e lançou-se com laço e tudo no banho. Arre sorte!...

Quando o grande touro, sozinho no corredor final do banheiro, bufava e bramia, investe-que-te-investe, acharam melhor desenganchar o laço e soltá-lo em paz. Valente e imbatível, o Cara-Branca transpôs a porteira do corredor e lá se foi campo afora, de cabeça erguida, como um Rei...

NEGRO AMBRÓSIO

Sabe moço, já fiz de tudo na vida. Já fui peão de tropa, domador plantador de roça e até operário de mina de carvão, lá no Butiá. Conhece aquele lugar? Vendo as casinhas, as ruas e as crianças sujas de carvão, você nem acredita que ali mora gente gaúcha, vinda dessa beleza de campos do Rio Grande. Mas é assim mesmo, preferiram a dureza da mina, o risco fatal do pó do carvão de pedra nos pulmões, a ter de viver como beduínos, pedindo por favor um pedacinho de chão emprestado de quem tem oceanos e mares de terras. Foi no Butiá que eu conheci o negro Ambrósio.

Chegara ali como tantos outros. Não se deu bem no fundo da terra, adoeceu do carvão. Ficou fazendo biscates no povoado. Não era gago, mas falava aos solavancos e rindo como tonto, mais por ser tímido e analfabeto do que por anormal. Quando o viam, as crianças o rodeavam, pois o negro distribuía balas e caramelos. Onde estão os meus cabeçórios?”, dizia afagando as cabeça dos pequenos. Esse era o seu único prazer na vida, pois ignorante e pobre, vivia solitário.

Ambrósio morava num rancho, uma maloca que erguera no alto do cerro nos arredores do povoado. Ele reparava no pasto até o banhado para o dono João Biriva, perfurador na mina. Três pilantras que viviam de bar em

bar, o Ruivo, o Cocóta e o Adão, sem ter mais o que fazer, resolveram divertir-se à custa do negro. Sabiam o quanto ele era supersticioso. Certa noite surrupiaram duas cabras do fechado de dona Clara que ficava também descendo o Cerro mas do outro lado para os fundos do rancho de Ambrósio. Contornando o Cerro os três marotos levaram as cabras justamente para o pasto onde o negro morava. Soltaram-nas com velas acesas amarradas nos chifres, para que subissem onde estava o rancho, a rumo da querência.

Ouvindo os balidos lamentosos vindos lá de baixo do banhado. Ambrósio arrepiou-se e chegou à porta. Na noite de breu, aqueles dois pares de olhos luminosos que se aproximavam, era para ele almas penadas. “Ai Jesus, Virgem Maria! Ai Jesus, Virgem Maria!” era só o que podia dizer, paralisado pelo terror. Cada vez mais próximos, os lamentos e aqueles pares de olhos de fogo, foram demais para os nervos e coração do pobre negro.

No outro dia foi encontrado morto com expressão de pavor. Na tosca mesa, acharam um grande pacote de balas que comprara para os seus “cabeçórios”. As cabras, pelos sinais nos chifres denunciaram o que ocorrera.

A mina inteira parou para o velório do negro Ambrósio, coisa que só acontecia quando algum mineiro morria por acidente lá no fundo. O saco de balas foi colocado à vista de todos, no caixão. E no enterro, uma multidão de crianças acompanhava o cortejo. Na descida do corpo à cova, vi com estes olhos a crianças descalças e mal alimentadas jogando lá dentro seus brinquedos de estimação bolinhas de unha, boizinhos de osso, bodoques – em lembrança do amigo. Ninguém olhou mais para a cara dos três malvados Ruivo, Cocóta e Adão.

CARRETEIRO NICO VELASCO

Vou te falar uma coisa meu neto. De todas as recordações da minha vida de tropeiro, uma das que guardo com mais carinho é a do Nico Velasco, um carreteiro que conheci na fronteira do Rio Grande. Foi no meu tempo de moço, quando os negócios de mulas me sorriam... Vestido à gaúcha e montado num mouro de lei, eu atravessara a fronteira do Uruguai rumo à estância de meu amigo Dom Sarmiento. Levava muito dinheiro para negociar.

De longe percebi os soldados na sede de estância. O Uruguai estava em revolução e aquilo não me agradou. A certa altura, quando os quero-queros gritando já me denunciavam, resolvi desistir da visita e dei de rédeas no mouro. Pra que fui fazer aquilo? A soldadesca se alvoroçou e ouvi gritos de “alto”! e brilho de armas apontando em minha direção. Esporeei o mouro queimei o chão no caminho de volta, já com tropel na culatra!...

Ao passar a divisa, esbarrei o cavalo na porta de um rancho com carretas. A tarde caía e um velhote estava sentado na porta, tomando mate. Eu, que ainda não o conhecia, saudei apurado: “Buenas, patricio! Estou em apuros e vou lhe pedir um grande favor. Guarde isto! E atirei no seu colo a minha pesada guaiaca. “Esconda bem que um dia eu virei buscar. E olhe, isso é a minha vida!... E ainda

acrescentei - Como é o seu nome?”. O velhote respondeu: - Nico Velasco, às suas ordens.

No alto do capão de mato escondi o cavalo e subi numa pedra.

Ainda pude avistar a força uruguaia na estrada chegando à porta do rancho. O velho apontou em outra direção, que eles seguiram - mas deixando guarda no rancho. Aproveitei a oportunidade e fugi noite a dentro; tratando de salvar a pele.

O Rio Grande também entrou em luta armada e eu tive de regressar a Sorocaba, engajado de capataz numa tropa que retirava. A guerra dos Farrapos e as circunstâncias da vida impediram-me de voltar por muitos anos. Entretanto eu não tirava do pensamento aquela fortuna confiada a um terceiro na hora do perigo.

Montando numa mula pinhã, já de cabelos e barba grisalhos e traje sovado, cavalgava eu, 15 anos depois, em busca do Nico Velasco. A paisagem mudara bastante com a nova estrada, mas lá estava o rancho no mesmo lugar. Por casualidade era o fim da tarde e o velho estava lá, mateando. Muito mais envelhecido, saudou-me sem conhecer.

- Mas como é que o senhor não me conhece, seu Nico? E a guaiaca que eu lhe dei para guardar? Desconfiado, o velho pediu-me detalhes. Levei-o ao local onde estivera. Estava limpo, ali passava a estrada. Mas o velho sorriu e convidou-me a chegar. No rancho, fez seu neto subir ao oitão e trazer a guaiaca. De tão seco, o couro desfez-se em

cima da mesa e o ouro das moedas brilhou. - Aqui está, pegue o que é seu. Não é a sua vida, como disse?

Não quis aceitar paga, mas presenteei-lhe uma carreta nova com todos os bois.

NEGÓCIOS LIMPOS

Na exposição de gado, a roda de criadores amigos animava-se com um vivo comentário. “Conhecem o Flores, capataz do Cyro Rezende? Foi descoberto, é um refinado ladrão de gado. Sendo criador e amigo de Cyro, fiquei pesaroso. Conhecia a história da amizade entre os dois. Quando Cyro, ainda um novato em pecuária, tomara as rédeas das fazendas dos pais, quem lhe serviu de apoio foi o Flores, então um pobre peão de serviço, mas campeiraço. Atirado e grato, o moço logo o promoveu a capataz. Chegou a presentear-lhe o melhor potro da fazenda, filho da tostada guapa do andar do capataz, com o reprodutor Crioulo. Com os anos, o doutor Cyro já grande estancieiro, ia largando as coisas na mão do Flores, passando semanas na Capital e administrando por telefone.

- Quem sabe se não foi essa largueza que fez o Flores matreirar?...

- Quê nada, saltou o Oto Alves, aquilo era mesmo sem vergonha. Só o Cyro é que não enxergava. Eu mesmo tive de engolir um prejuízo grosso, só para não me indispor com o Cyro. Eu lhe havia comprado 50 bois gordos, pagos na balança da fazenda. Na balança do matadouro, o peso caiu quase 5 quilos por cabeça. Então o motorista do caminhão me disse que vira o Flores, por trás da balança,

calcar o pé na engrenagem da mesma. Corri ao Cyro com a reclamação, mas o homem pôs a mão no fogo pelo capataz. Só faltou se ofender comigo. Tive de arredar o cavalo, pois para mim o nome Rezende sempre foi sinal de honestidade inatacável. O velho Jango Rezende, pai de Cyro, preferia ele mesmo perder a prejudicar alguém.”

Diante de mim, num encontro fortuito, o dr. Cyro, com seu porte desempenado e gestos cativantes, contava-me a sua reação ao saber do roubo.

- Cheguei à fazenda e nem queria acreditar. Ai achei falta de umas 60 reses. Flores tinha ido à cidade próxima e me mandei para lá. De tão nervoso, estava disposto até a matá-lo. Quando me viu e lhe falei, acompanhou-me ao bar, manso como um cordeiro. Concordou em devolver-me tudo na hora. Viajamos ao local onde ele tinha o gado reunido para venda. Meus peões arrebanharam tudo de volta para a minha internada. - Ai, arrematou Cyro, fiquei com pena e retirei a queixa. Comovido, pensei: “Agora o Oto Alves vai ver como o Cyro se lembra de seu prejuízo daquela vez na balança e o indeniza”.

A coisa, porém, não era tão simples. Vários vizinhos sentiam-se também roubados e procuraram o Doutor. Cyro. Diante da retirada da queixa, queriam vistoriar o gado recolhido e procurar suas marcas. Irredutível, este negou permissão:

. - Meus negócios são limpos, não admito dúvidas de meu proceder, aqui só tem gado na minha marca.

Na falta de Flores, o Dr. Cyro promoveu a capataz mais de um de seus peões pobretões, o Juvenal. Ficou-se sabendo que o Flores, agora morando na chácara comprada com os gados roubados, assim comentou a novidade: “Esse não fica muito tempo com o doutor”. Não tem serventia nem pra pisar na balança...”

ONÇA DE OURO DO PEÃO ELPÍDIO

Fervia o plenário no Congresso dos Agrônomos. Discutia-se a ameaça de uma nova Lei das Sementes. Um poderoso grupo de firmas queria ter o direito de patentear e vender no Brasil e no Exterior, os direitos de multiplicação das novas sementes criadas por seus agrônomos. “As firmas não podem arrogar-se a autoria só porque nos pagam salários”, argumentava um orador inflamado. Havia contudo, dúvidas e receios da parte dos mais novos, empregados de multinacionais do ramo de sementes. Foi quando lá de traz ouviu-se uma exclamação: “Meu avô tropeiro tinha lombo mais duro que o nosso. Chegou a matar um sujeito por não se deixar encilhar”.

Alguns risos do auditório não desfizeram a impressão causada. No intervalo, lá no refeitório, foi muito procurado o Danillo, que dera o aparte. Queriam saber da história do avô. Exibindo uma corrente com uma onça de ouro legítimo pendurada, Danilo foi direto: - Querem saber? Pois eu conto.

- Meu avô Elpídio quando moço, foi peão de tropa. De patrão em patrão, terminou trabalhando com um tal de João Sene, um baiano ou paraibano, mas que montava bem e era muito mandador. Alguns colegas avisavam que o

'baiano' era endemoninhado. Meu avô, homem amável e de boa paz, sabia agradá-lo. Meio vaidoso, o homem gostava de ter tosada a crina da montaria, bem arqueada, *de cogotilho*, em que o peão era mestre.

“Um dia os dois voltavam, em comitiva, de uma tropeada, meio assim como cavaleiro e escudeiro. Chegando numa estrada em obras, viram um reboiço. Dois trabalhadores, cavando o barranco, haviam achado onças de ouro. Todos os outros se prendiam a cavar. Os dois tropeiros não fizeram outra. Apeados ao chão e maneados os animais, pegaram de cavadeiras e se juntaram àquele garimpo improvisado, cheios de esperança”.

“Achei!... O primeiro grito foi de Elpídio, que exibiu feliz sua onça de ouro puro. O João Sene, que nada encontrara, ainda cavou um pouco. Mas foi ficando alterado e de repente virou-se para o peão: Você me entregue essa onça que ela é minha, pois você trabalha para mim!... Surpreendido, mas sereno, meu avô respondeu: O que é isso, seu Sene ... Trabalho para o senhor sim, mas achei a moeda e isso é fora do nosso trato. De faca em punho, já enfurecido, João Sene intimou: Vai ou não vai entregar a moeda, seu cabra safado? E foi avançando. Mas já tinha à frente o cano da garrucha do peão. Não avance, seu Sene, não me obrigue a atirar!... Que nem touro furioso. João Sene investiu de adaga, mas foi táááá!... E já testavilhou com um furo no meio dos olhos.

O que o meu avô sofreu para livrar-se, não está escrito. Mas ele sempre jurou que não foi pelo valor da onça de ouro que chegou a esse caso extremo, mas sim porque o patrão o rebaixara, ao considerar-se dono de sua pessoa.

- Então, concluiu Danilo, vocês acham que uma firma que quer sentir-se dona até dos nossos inventos e descobertas pessoais, não está nos fazendo de palhaços? Na hora da votação em plenário, não houve agrônomo que não aprovasse a moção do congresso contra o projeto de Lei das Sementes.

OS ÚLTIMOS CINCO ALQUEIRES

Velho Neco deixou o fórum com leve tremor nas pernas. “Meu próprio filho”... Revia-se em pensamento com o Carlinhos, então lindo menino, nos braços. Como tivera coragem de semelhante maldade com seus velhos pais? ... Esse, desde que se viu no lombo de um cavalo, quis calcar o mundo sob os pés. Filho de um honesto tropeiro, preferiu ser o Carlão, o cigano das barganhas de animais, dos rolos nunca limpos, sempre turbulentos. Carlão, diziam: casca de cobra, olho de gavião.

Rumo à casa, no ônibus, o velho tropeiro ainda recorda. Largou-se cedo pelo mundo, nunca lembrou a casa um Natal sequer. Mas aparecia de súbito com frangos e até uma leitoa certa vez. Só pra pedinchar. Pensando encaminhar o filho, o casal ia-lhe cedendo porções de terras, desde os pastos menores à invernada. Quis afinal os últimos 5 alqueires do roçado, de que dependia a subsistência dos velhinhos, já passando os setenta. Velho Neco negou, e foi a conta. Carlão se apotrou, acusou - por fim saiu batendo os tacos para os pais, agora virados em ruínas.

O advogado falara ao Neco que o usucapião por ele requerido na Justiça para os 5 alqueires fora contestado. “Não pode, doutor, é posse velha, mas de 50 anos!... Com

advogado e tudo, haviam se apresentado dois irmãos, um deles retardado mental, dizendo-se donos da terra. Neco lembrou que os dois já haviam plantado para ele, porém como foreiros. A coisa engrossava e ia ficar num dinheirão que ele não tinha.

Na audiência, preocupado, Neco aguardava o desfecho. Perderiam seu último pedaço de chão, no final da vida. O juiz passou a ler um trecho do laudo do perito: “Os vizinhos informam que tudo não passa de uma trama de um filho dos requerentes. Carlão. Ele subornou os dois foreiros como seus “testas de ferro” para se apossar da terra dos pais”. Elogiando o gesto do perito, que dispensara honorários, o juiz proferiu a sentença, concedendo o usucapião e lavrando severa censura ao filho ingrato.

Neco desceu do ônibus. Tudo fizera para evitar ao filho aquele caminho, mas debalde. O “mundo-cão” lhe acenava com as facilidades do oportunismo. “Nenhum pai pode fazer do filho um homem se ele mesmo não sabe e não quer tomar conta de si”. Essa fora sua última advertência.

Agora, já no portal da casa, uma imensa paz o envolvia. Abraçou-se fortemente com sua velha Ana, que o esperava na saleta modesta. E mais tarde, enquanto ela chorava de mansinho, velho Neco comentou: “Alegria, minha velha. Temos ainda muito o que estimar deste resto de vida. Temos um ao outro de verdade. E isso vale a pena, não achas?”

UMA DOMA DIFERENTE

Quando o Quinzão botava o olho em alguém que passasse montado em frente à venda do Zé Gomes, o vivente que se cuidasse se o gigante inventasse de levantar da calçada o enorme corpão e atravessar a rua a rumo do Tal. Desabusado e violento, ganhara fama pelos muitos que já surrara. Em questão de terras sua razão eram seus punhos, e diziam as más línguas que assim aumentara as divisas da fazenda. Mas que Deus me perdoe, hoje Quinzão está no céu. Morreu na santa paz, patriarca venerado.

Valentão, isso ele foi. Detinha o animal com a mão direita nas rédeas, rente ao queixo. Com a esquerda, arrancava o dono de cima e era surra na certa. O ventana não tinha quem o amansasse. Até que um dia...

Vizinho à fazenda de Quinzão morava o João Tuba. Moço pobre, domador de burros, cuidava da tropa e de sua pequena roça, com a força física descomunal que Deus lhe deu. De visita à noiva, estava ausente por uns dias, lá na Barra, quando escaparam dois burros do seu pastinho para a invernoada do Quinzão. Quando este deu pela coisa, os machos já patsavam do seu catingueiro há mais de uma semana. Ficou uma onça, mas não buliu com os burros. Só queria ver-se com o dono.

O João Tuba entrou povoado a dentro, montado num macho ruano recém-enfrenado. Sem ser pressentido, chegou a uma braça de distancia de calçada. “Boa tarde, seu Quinzão! ...salvou o domador. Estive viajando e cheguei hoje. Soube que dois animais meus estão no seu pasto. Estou vindo prá acertar e peço que me faça um preço em condição. “Quinzão levantou-se com um jeito ruim, de cobra que vai dar bote em passarinho. “Condição coisa nenhuma, que o meu pasto não é regalo de vagabundo! A mão direita já palanqueava o animal espantado. Puxado pela esquerda do Quinzão, João Tuba rolou desequilibrado e ficou caído de costas, com aquele gigante por cima. O redomão ruano; ao soltar-se, bufou e rodopiou sobre as patas traseiras, em caravolta. Mas ninguém prestou atenção. Todos tinham os olhos no chão onde a briga esquentara.

Em desvantagem, o domador com as pernas em alicate e as chilenas presas nos calcanhares nus, desferia pontações nas partes traseiras do agressor. Com a mão direita, vibrava chicotaços com seu “rabo de tatu”. Então aconteceu o que ninguém sonhava. Houve um giro, como de uma carroça tombando de lado. E já agora por cima, o domador, acostumado a agarrar o burro xucro a unha, dominava o gigantesco Quinzão. E dele-que-te-dele rabo de tatu! A surra só parou quando foram buscar a mãe do João Tuba para implorar calma ao filho.

O Quinzão nunca confessou, mas parece que foi daí que ele começou a mudar de gênio. Aceitou acertar as contas do pasto com amigos do João Tuba. Largou de provocar brigas. Ficou mais gente. É por isso que eu digo sempre: “Por pouca coisa, não brigo. E por muita, tenho medo!...”

A AVENTURA DO BERTOLINO

Bertolino era um homem solitário. Prestativo e habilidoso em trançar botões e charruas para cabeçadas de couro cru, era estimadão no lugar, mas achava-se carente de afeto. Deu de prestar atenção na Jandira. “Por que logo fui me embeijar na Jandira viúva, que já é amasiada com o Aparício Gomes acertador de animais? Será por que ouvi daquele doutor - que mulher honesta é só aquela que é mal cantada? Quem sabe? ... “ E foi criando coragem.

Jandira ia passando. “Sempre bonita, dona Jandira?” Sem responder ao galanteio ela seguiu ondulante, deixando no rastro reticências e esperanças. Encorajado, Bertolino voltou à corte, “Dona Jandira, sonhei com a senhora num jardim florido e perfumado.” Sem comentário ela seguia adiante. E ele, atrás, no sonho já certo de ser correspondido. ”Ela me aceita.“ E quanto mais confiante, mais enfeitava os galanteios, chegando à ousadia das propostas.

Afinal, um belo dia, Jandira parou. O coração dele bateu. “Seu Bertolino, vossa atenção me tocou. Está querendo um encontro comigo?” A voz era musical. “É o que eu mais quero, minha flor”, balbuciou. “Pois chegue lá em casa hoje às 9 da noite que eu estarei sozinha lhe esperando.”

A tardinha, Bertolino viu passar o Aparício, montando um redomão Mangalarga, a caminho da Meia Légua. Só costumava voltar, tarde da noite. Era a oportunidade confirmada. Às 9 em ponto, lá estava Bertolino sondando a chácara. Viu a luz mortiça no quarto de Jandira e avançou. Abriu-se a porta e já ali estava o vulto dela. “Entre seu Bertolino”. Um homem é um homem e ele, já com o sangue acelerado, entrou. “Venha aqui no fundo que eu tenho uma coisa para lhe oferecer”. Bertolino mergulhava na aventura de sua vida.

“Mas o que é isso? ... Pare! ... Não, dona Jandira! ... Aí! ... Aí ...” A sereia transformava-se agora em Anjo Vingador. Rabo-de-tatu em punho, com força de homem, derrubava-lhe furiosos golpes na cara, nos braços, nas costas, por toda a parte. “Não te ensinaram o respeito, pois eu te ensino, seu Coisa Ruim! ... Apanhando como boi ladrão, o pobre lançou-se para a porta em retirada. Lá estava o Aparício, de garrucha no cinto. “O que queres aqui na minha casa a esta hora, seu cão? Some já, já, se não queres levar chumbo nas ventas!”

Mais tarde contava sua humilhação ao amigo Juca Mundéu e este estranhou: “Por que não reagiste? Sei que não és medroso e também estavas armado ... “Bertolino suspirou fundo. “É, mas onde arranjar coragem quando a gente está sem razão?... Acabou razão, acabou coragem...”

QUERES CONHECER O VILÃO?

Segunda feira na delegacia da pequena cidade. O escrivão Dorival, olhos roxos e rosto inchado, apresenta-se ao novo delegado. “Doutor, o senhor chegou na hora. Ontem, nesta cidade, fui covardemente agredido por mais de dez indivíduos. Peço que abra uma sindicância”. Fora na festa de inauguração do posto de gasolina do Zuza Teles. Quando mais alegre ia o churrasco, o Dorival implicara com a faca que usava o moço Norberto, cortador de carne. “Me entrega a faca, porte ilegal. Norberto não quis dar - e ele levou a mão à cintura. Antes que puxasse a arma, toda a rapaziada caiu-lhe em cima. O prefeito Abud tirou-o dali, mas, com os braços presos, ia saindo e apanhando como um cão. “Veja que desacato, doutor. É a anarquia solta!”

O delegado era veterano e já atuara naquele município. - Já soube do fato, Dorival, e é por isso que estou aqui. Posso abrir essa sindicância, sim. Mas quero que saiba que trago comigo outra sindicância pedida contra você, pelos familiares do seu Juca Leme, preso por bebedeira e espancado por você aqui dentro da cadeia.”

De fato, na falta de delegado no lugar, o escrivão Dorival pintava e bordava. Mandara trazer o velho Juca Leme, que depois de deixar o cavalo amarrado no pátio da Prefeitura andava de bar em bar e já não podia com as

pernas. “Não tem vergonha na cara, seu velho pingúcio?”. Intimidado dessa forma o velho lavrador respondeu: “Que é isso, menino? Que mal fiz eu?” Aquele “menino” deixou Dorival furioso. Partiu para cima do velho com golpes de caratê. Quando o trouxeram em casa sangrando e todo machucado sua filha Ana Maria teve uma crise de nervos, deixando tiritica o Norberto boiadeiro, que era seu namorado. Além disso o Juca Leme era muito estimado, homem sério e trabalhador. Nos seus raros pileques, era levado até a casa com todo o carinho pelos amigos.

- Olha Dorival, vou te falar uma coisa. Meu pai contava que o seu avô tropeiro lhe dizia: “Queres conhecer vilão? Coloca-lhe um cargo na mão.” Esse povo errou, sim, em querer fazer justiça com as próprias mãos. Mas o desacato à autoridade foi você quem começou, usando indevidamente a minha autoridade. Você até que teve sorte em sair inteiro. “E concluiu: “Vamos pôr uma pedra nesse assunto e você vai tratar de reconquistar a confiança desse povo.”

- Mas doutor, lamentou-se Dorival, como posso sair a rua com esses olhos pretos?” O delegado sorriu. - Isso é o de menos, te empresto estes óculos *raiban*. Mas vê lá, esses não podem quebrar, me custaram caro...”

O MÉDICO E O TAXISTA

Rápido, o taxista atravessou o carro na pista para atacar o trânsito e proteger o menino caído. Ninguém sabia quem atropelara a criança, mas ainda estava com vida e muitos ajudaram a iniciativa do socorro. O taxi flechou para o primeiro hospital. - Não posso, já estou de saída, disse o médico Lourival Antunes. - Mas Doutor, é caso de vida ou morte, eu... eu lhe suplico! - Sinto muito, estou exausto, procure outro. E lá se foi o taxista em busca de outro hospital, preocupado com a pequena vítima como se fosse um de seus nove filhos. Na quarta tentativa vieram dois enfermeiros, mas ao examinar o menino constataram que só cabia levar o cadáver ao necrotério.

O doutor Lourival Antunes dirige-se ao colégio a fim de apanhar o filho, quando soa o celular. Encosta o carro e identifica, pelo tom suplicante, a incômoda voz do taxista da véspera. A voz gagueja: - Doutor... desculpe incomodá-lo... mas é que estou aqui no necrotério... No bolso do menino tinha o número de seu celular e a carteirinha de estudante com o nome: Vanderlei Antunes. Por acaso... era seu filho?

ANGÉLICA

Então tu, Florinda Fernandes Vargas, à saída da missa receberás das pessoas da comunidade as compreensivas condolências pela súbita situação de viúva em que ficaste com teus três filhos. Na porta da igreja verás Zulma Soares Nulke, e manifestarás reconhecimento por sua presença à encomendação da alma de teu falecido esposo, Cândido Evaristo Souza Vargas. Ela porém te causará surpresa ao dizer que não viera de São Lucas até Vila Nova a esse fim.

Amanhecera e a tempestade se fora. Zulma Soares Nulke saiu da cozinha para o quintal e abriu a porta da cocheira ao fundo da chácara. As tábuas do fundo tinham sido arrancadas e através do rombo divisou o verde da paisagem. Das três vacas com seus terneiros, mais a novilha prenhe de estimação, só o rastro dos cascos no barro da estradinha, em mistura a marcas de pés descalços. Tudo apontando para o rumo da Vila Nova. Já diz o ditado - ..."povoado em expansão... sobra gente boa mas não falta ladrão"...

A pancada era de derrubar alguém menos forte. Zulma chorou por um dia e uma noite e por fim disse ao marido: - Somos pobres mas haveremos de restaurar nossa

granjinha leiteira. Só de uma coisa não se conformou: - Os malditos levaram a minha Angélica que eu criei como filha e ia parir sua primeira cria, coitadinha. Pelas linhagens de nobres antepassados chamar-se-ia *Angélica Jersey Schwitz*. Mas era simplesmente Angélica, de pelagem baia-cinza, chifres pequenos e jeito de criança - *dodói* de toda a família. Mantida sempre limpinha e acarinhada, agradecia as guloseimas - lambia as mãos da dona e, com um piscar dos olhos pestanudos que nem parecia coisa de bicho, esfregava a cabeça ladeada na sua espalda. A vizinhança do bairro São Lucas, contagiada com a energia de Zulma, apoiou no possível seus planos de abelha incansável.

São quatro da manhã. Cândido Evaristo Souza Vargas, o Candóca, já está novamente de pé, amolando as facas na oficina, prá esperar a camioneta do sócio com tudo pronto. Candóca é mecânico de automóveis, mas sempre fora gaudério e caçador noturno. O chimarrão espanta o sono e, exultante, recorda a *compadrada* daquela noite durante a tempestade. Fora um vareio!...Ele e seu sócio já estavam de olho naquelas vacas, mas a esperteza estivera em escolher o momento menos esperado prá chegar no fundo da chácara antes da meia noite e aplicar o golpe nos otários... A chuva forte e barulho dos trovões não davam chance sequer aos cachorros desconfiarem. Preferir andar a pé e descalços, fora outra jogada de mestres. Ele, alto e encurvado, o sócio baixo e atarracado, mais pareciam dois peões *pelos-duros*. Chapinhando no barro em meio ao gado manso, cruzaram as ruas da Vila Nova depois da meia noite, sem ser notados. Foi chegarem à oficina, lavarem os pés, se secarem, tomarem um gole de canha e pronto. Montando o cavalo que deixara encilhado, o sócio repontera as três

vacas e seus terneiros fóra da vila até seu sítio, onde tinha gente sua prá ajudar na carneação. Candóca ainda tivera tempo de tomar café com sua mulher Florinda e ir prá cama com ela algumas horas, a fim de *cumprir as obrigação...*

E Angélica? De chegada, fora separada das companheiras por estar muito pesada e puxada por Florinda até o fundo da oficina. Ali recebera o balde com ração molhada e a cama de casca de arroz, como sua dona costumava lhe dar. Lambera a mão e esfregara a testa à espalda da mulher, que se tocara: - Ai meu Deus, que coisinha mais fofa!. Parece até a minha Ritinha!...Na cama, junto ao marido, ela intercedera: - Não quero que matem esta, Candóca, está chegada da cria e é tão mansinha!... - Tá bem...tá bem, nêga!... depois a gente conversa... Na hora do *bem bom*, não seria ele quem iria *estragar o clima ...*

Facas amoladas, último trago de chimarrão. Candoca olha o relógio e volta ao quarto: - Levanta, Florinda, a camioneta do Evilásio tá prá chegar! Vai preparar os baldes!... Ela, ao pular da cama, lembrou: - E daí, amor?... no que ficamos sobre a vaquinha que eu queria prá mim? Foi a vez de Candóca engrossar: - Ficaste louca, mulher? Queres ter em casa um chamariz pros dedos-duros? Nem me fala uma coisa dessas! Ela ainda quis insistir: - Mas Candóca... e lá no sítio do compadre Evilásio?...se tu quizeres... Ele porém não estava a fim .Tal pedido ao sócio, mostraria fraqueza, baixaria seu *cacife* na parceria: - Olha Florinda, não te mete em negócio de homes. Não se fala mais nisso!

Às cinco em ponto, como combinado, chegou a camioneta. A velha Veraneio, sem os bancos trazeiros, fazendo de furgão, vinha carregada quase à altura do

encosto dianteiro com sacos de "carne comercial" . Evilásio Antunes Medeiros, pequeno sitiante arruinado, já trabalhara no frigorífico e, em roubo de gado, exemplava competência. Vistoriou a oficina - tablado pronto, facas afiadas , o gancho da talha pendente no meio - tudo nos conformes. - Comadre, pode trazer a vaquinha, que temos pressa.

Angélica cabresteou docilmente até o tablado, fazendo morisquetas à espalda da trêmula Florinda,. Esta recuou lá para o fundo onde deixara os baldes. Como furtrar-se de uma tarefa em que sempre ajudara o marido?... Entregue aos homens, a vaquinha teve suas canelas trazeiras maneadas por uma apertada correia de couro cru. - Couro chato não corta , ela não vai berrar, disse Evilásio. Ali, entre as pernas, foi-lhe enganchado o cabo de aço da talha e na outra ponta as maniveladas estirando o cabo, fizeram girar as roldanas da talha presa no teto, içando a vaquinha de pernas para o ar, até ficar sua cabeça a menos de metro do tablado. Com o peso do corpo e a barriga forçando para baixo, sem entender o que queriam dela, Angélica estranhou o desconforto e ensaiou um gemido. Antes que berrasse, Evilásio desferiu em sua nuca o golpe de martelo-picareta. A vaquinha revirou os olhos, esticou-se toda, sua consciência apagara. Um espeto de churrasco enfiado pela boca no rumo dos pulmões, cortando as veias, parou seu coração. Da boca de Angélica o jorro vermelho foi caindo direto e enchendo o balde no tablado. Logo as facas trabalharam rápido, riscando o couro da barriga e, aberto o ventre, era retirada ainda viva uma terneira baia-cinza, logo cortada e eviscerada. As buchadas levadas noutros baldes, a talha abaixada para terminar a esfolagem no chão, em breve o tablado

era lavado a jato de mangueira. Decepada pela faca de Candóca, a cabeça de chifres pequenos fôra enfiada em sacola de supermercado prá ser enterrada na viagem. Por cima de toda a carga, lançou-se a pá-de-corte. Os homens partiram e Florinda foi acordar as crianças para o colégio.

Farol de neblina ligado, cortando a cerração quase fechada, os dois comparsas faziam planos de apurar boa grana com amigos nos açougues prá o lado do Super Porto. Ali é só dinheiro vivo. - Cuidado agora, compadre, vamos atravessar o Trevo. Ao se aproximarem, o susto: - Chiii... essa não! Tem polícia lá!. E um guarda de lanterna fazendo sinal prá encostar... Candóca quase gritou nos ouvidos de Evilásio: -Vai por mim, compadre, não encosta!...pisa fundo, senão tamos ferrados!

No trevo, um dos guardas comentou: - Que diabo!...Não pararam!...Vão se dar mal antes do primeiro quilômetro. Nem me deixaram avisar do trem descarrilado lá na frente...

Após a violência do choque, Evilásio fora retirado em estado desesperador, das ferragens para o hospital. A cabeça decepada de Candoca fora encontrada na grama, lado a lado com a cabeça de Angélica, livre da sacola. A pá ensangüentada ficara na camioneta.

E pasmarás tu, Florinda Fernandes Vargas, com a explicação recebida à porta da igreja: - Rezar por teu marido não, que não sou de gastar vela com mau defunto. Vim aqui hoje rezar pela minha Angélica, que eu criei como filha e que tinha inteligência e bondade de gente!...Então tu, Florinda, humilhada mas sem poder conter admirativa

inveja, lhe darás razão. E rezarás para que teus filhos não se tornem caçadores noturnos como os Souza Vargas, mas sim, puxando ao sangue dos Fernandes sejam, como Zulma Soares Nulke, construtores de favos de mel.

O ADVOGADO

Nisto o general pulou prá trás, fincou a espada no chão e pegou a tirar o tacão da bota, que se despregara. O coronel encruçou os braços, e a espada dele ficou dependurada da mão, como dum prego. Prá um que quisesse aproveitar... Mas qual... aqueles não eram gente disso, não!
(*)

Vendo alguém à porta, Nuno Alvares Souza interrompeu a leitura e fez sinal para entrar. Era Renato Figueira, o *Renatão*. Cenho franzido, lábios gordos apertados mostrando a dentuça, , afundou o volumoso corpo na poltrona em frente à escrivaninha. - Doutor, vim lhe contratar prá me defender. Matei o Chico da Candinha. - O que? Mataste? Não me digas! Nuno conhecia a ambos desde o tempo de criança, pois se haviam criado na mesma região da campanha, freqüentando o mesmo colégio - Bem, doutor, o senhor sabe que o Chico era viciado em roubar galinhas dos outros. Deu o azar que domingo à noite atirei num vulto no meu terreiro e acertei a barriga dele. Mandeí levar pro hospital, mas ele não agüentou e morreu na mesa de operação. Estou enrascado porque, antes do acontecido, nós dois estávamos no mesmo baile lá na venda do Porfírio. Me viram sair logo depois do Chico e andaram dizendo que fui fazer espera, que atirei de propósito, essas coisas... até

que chegou aos ouvidos do promotor. Hoje recebi esta intimação.

O advogado pegou o papel, foi lendo e pensando em silêncio: O Chico da Candinha nunca foi trigo limpo, mas esse *candidato a cliente* também não vale uma pitada de fumo pôdre...

- Então, Renato, queres que eu te defenda... Antes de tudo, preciso reconstituir o fato, lá no teu terreiro e à mesma hora da noite, para provar que a distância e a escuridão não te permitiriam reconhecer o intruso. - É prá já, doutor, concordou o outro satisfeito, mas Nuno contrapôs: - Hoje não dá, tenho consulta marcada com meu cardiologista. Assinas já a procuração *ad judícia* e viajamos amanhã depois do almoço. Está bem? Tudo acertado, o cliente retirou-se e Nuno apoiou o rosto entre as mãos, meditativo: - Que enorme acaso... essa eu não esperava mesmo!... Na semana anterior, havia sido procurado ali mesmo pela mulher de Renato Figueira, para ajuizar ação de divórcio contra o marido. Já estava com a petição pronta para dar entrada na Vara de Família. A mulher, Regina, também era sua conhecida desde a adolescência. Ao entrar no escritório, trajando saia justa azul marinho pelos joelhos, blusa de seda rosa choque, decote discreto, causara-lhe um *frisson*, por reavivar sua velha paixão recolhida. No rosto rosado natural, as lágrimas escorriam dos olhos grandes e brilhantes com expressão machucada: - Ele é um bruto, doutor, além de me maltratar e ofender de dia diante de todos, à noite abandona-me em casa prá procurar mulheres de toda a laia... Nuno, ouvindo calado, condoía-se: Tal qual dar um *Stradivarius* a um macaco - assim é Regina nas mãos de Renatão. Que pecado!.. - Fique certa, Regina, farei o possível

e o impossível prá te ver livre desse traste e com a metade dos bens na tua mão. Ele ainda vai se sair bem, pois nada tinha, tudo era herança tua!... Ela saiu confortada com o apoio . Suspirando de emoção, Nuno acompanhou com olhar excitado, o andar de gazela, as pernas morenas e bem torneadas, o balanço da cabeleira. E julgou estar ouvindo o canto de um sabiá...ou era seu coração?

No cardiologista, as recomendações de sempre: - Pode viajar, mas não faça excessos e evite emoções violentas. Tome seus remédios nas horas certas, não passe das doses se não quiser ter problemas.

São onze da noite, Nuno de espingarda na mão aguarda o vulto do "meliante" para a simulação combinada. Lembra a viagem e a janta de há pouco, preparada por Regina, os olhares apaixonados que trocaram à mesa sem que percebesse o marido, todo voltado para a montagem da farsa - Tá chegando a hora, dissera. São uns dezessete metros de distância entre nós dois. Vamos, doutor?... A espera fora pouca. E Nuno em seu posto já divisa o vulto de Renatão se aproximando, quase ri da hipótese de não reconhecê-lo. Apontou a arma e mirou, descuidadamente - Esse bandido atirou a sangue frio no Chico da Candinha. De repente, sem que entendesse, a espingarda detonou e ele viu o Renatão encolher-se e cair. Aproximou-se e constatou - matara por acidente o marido de Regina. Um cálculo cínico passou em sua cabeça: "Ultimamente, cachorro não é gente" ... agora, Regina está lá no quarto, e toda prá mim! Em passadas rápidas ganhou a porta da casa e dirigiu-se ao quarto. Ela o esperava, só de saia leve. - Estamos livres, meu amor! Te amo, te amo! Abraçados na cama do casal, amaram-se como quem quer se finar em vida...

São cinco da tarde. Nuno está preparado, documentos à mesa, aguardando a visita de Regina. Já decorriam quinze dias daquela primeira visita do cliente Renato Figueira, o *Renatão*, ao seu escritório. Recordava a desagradável impressão e os contratempos ao acordar, não tanto pela compulsão ao banho e à lavagem das roupas íntimas, quebrando sua rotina impecável de solteiro, mas pela perturbação que sentira ao comportar-se no sonho de maneira tão estranha. Contudo, sua atração por Regina continuava ainda, multiplicada pela *experiência onírica*.

Às cinco e um minuto ela chega e o advogado inicia a prestação de contas: - Aqui está o seu divórcio, o Juiz aceitou a declaração de concordância de teu marido e despachou na hora, com a divisão dos bens aprovada. O Renato assinou tudo como preço de sua absolvição, caso não assinasse eu deixaria que fosse condenado. E aqui este cheque, assinado por mim, é do dinheiro que Renato depositou para ti na minha conta. Mentira, eram seus honorários de que ele estava abdicando em favor de Regina. Os olhos dela se encheram de luz, logo inundados de lágrimas. - Doutor, doutor, o que o senhor fez por mim me deixa *de rédea no chão*. O que posso fazer prá lhe agradecer?... - Por favor, chaveie prá mim a porta do escritório, disse ofegante Nuno, que acabara de tomar seu comprimido.. Não pense mal, não quero ser interrompido em nossa conversa. Curiosa, ela obedeceu. - Olha Regina, o meu pedido tem de ser aceito por ti de espontânea vontade, não estou te obrigando. Faz de conta que sou um pintor. ...Pintor? - Sim, um retratista: quero que tires a roupa com a mesma naturalidade de um modelo vivo, mas só prá eu satisfazer uma curiosidade que tenho de conhecer a beleza de teu corpo. Entendeste?

Sim...sim... Está bem, respondeu ela embaraçada, vermelha de rosto mas faiscante de olhar, atingida pelo inesperado da lisonja. - Então começa, por favor. Regina suspirou fundo, levantou a cabeça e tirou a blusa. Em breve, a saia, o sutiã, até as calcinhas jaziam no chão, sua nudez madura e bem plasmada inundava a sala. Segundo comprimido - Agora peço que dê três voltas no escritório. Meio desajeitada, ela empurrou a banquetta em seu caminho, e foi caminhando como Eva no paraíso. Ao iniciar a segunda volta, lembrando-se das passarelas da TV, ergueu o corpo com mais garbo e balançou os quadrís como uma potranca de raça. Nuno já havia engolido o terceiro comprimido. À terceira e última volta, ela já espalhava toda a magestade de quem seu nome dizia que era, uma rainha. - Podes parar, puedes vestir a roupa, já me pagaste tudo... foste maravilhosa. Já no quarto comprimido, os olhos de Nuno estavam congestionados e sentia um formigamento subir-lhe virilha acima rumo ao peito, mas que isso importava, se em seu peito o sabiá lhe cantava desde a primeira volta?. Só isso, Doutor? perguntou Regina, já vestida. - Mais... uma... coisa. Ao sair... estás livre... leva todos os documentos... fecha a porta... por fóra.. e me enfia... a chave... por baixo... da.. porta... Que.. sejas... feliz!...- Doutor, sou-lhe muito, muito grata. Precisando de mim é só chamar... Adeus!. Já na rua, ela suspirava: - Que homem, que homem, Deus do Céu!...Senti vontade de beijá-lo, mas não tive coragem...

E no silêncio que ficou, só ficou balançando no ar o canto do sabiá, na restinga: do outro lado, o sangue do coronel, pingando nos capins; deste lado, eu, sabendo, mas não podendo me intrometer...

Assinalado a lápis na margem da folha, parece que fora esse o último trecho relido pelo Doutor Nuno Alvares Souza na solidão do escritório fechado. Quando a faxineira, após dia e meio, desconfiou e arrombaram, viram o livro de contos aberto bem ali, na frente do morto, já meio inchado. Mas dava para ver-se em seu rosto uma expressão feliz e serena.

(*)"Duelo de Farrapos" , Contos Gauchescos, J. Simões Lopes Neto.

O QUEIXINHO DA MERÊNCIA - PENAR DE MOÇOS À memória de Cilço Araújo Campos

Olhe, moço, gostei do seu jeito, desde que apeou aqui no rancho e não se avexou de tomar mate com o negro velho Cantídio. Sou ele sim, procurou a pessoa certa.. E a sua profissão, dentista, é muito do meu gosto. Não que eu necessite tratamento, pois tenho todos os dentes sadios e já passando dos noventa... Não vou lhe fazer perder a viagem. Fui eu mesmo quem achou o queixinho da Merênciã, coitada, que Deus a tenha. E não vai ser agora, na reta de chegada, que vou ficar com toda essa verdade embuchada no peito.

Credo!...Contam tanta bobagem por aí!...

Falam por falar, mas eu, quando ainda era guri, vi tudo, toda a maldade... E ainda por cima conheci e trabalhei com o Doutor André, dentista como o senhor. A pobre moça sofreu toda aquela brutalidade e descansou. Mas o doutor, esse ficou penando por anos, até o fim da vida. Sabe o senhor o que é um moço bom como aquele, perder a noiva mais amada e bela - e tudo por crime dos próprios pais?...

Deixe que eu lhe conte do comecinho...

Eu nasci de mãe escrava, mas já livre, logo depois da Alforria. Naquele tempo, quem mandava e desmandava nestes pagos era o Coronel Virgílio de Moura, dono da estância da Cachoeira. Tinha terras e mais terras, suas divisas se perdiam de vista. E gado e ovelhas e cavalos, então nem se fala. Seu chiqueirão de porcos dava para um banhado imenso, povoado de pássaros de todas as cores. Veados e capinchos, isso era enxame, até o rio Ibicuí

Às vezes, Deus dá nozes prá quem não tem dentes.

Tanta riqueza e tanto poder, não lhes dava felicidade. Depois da guerra de 93, em que perderam o filho Altino, o coronel e sua mulher dona Marfisa, viviam numa tristeza só. Uma tristeza enlouquecida de ódio contra o degolador do capão do Boi Preto, Fidêncio da Rosa.. O traidor tinha sido seu posteiro e saíra da estância com o compromisso de cuidar do Altino. Mas, se bandeara para o lado contrário... e, ele mesmo, passara o moço na faca!... Era o que estava escrito na carta de um informante de confiança do coronel, recebida lá da Palmeira, logo depois do acontecido.

Mas, tome tento a ver se não era mesmo desmiolado esse casal!...

O moço Altino fora um gaúcho destorcido, de faca na bota e que se vivo fosse, daria um grande militar ou político. Os pais, desde cedo haviam dado preferência ao jeito despachado e meio ventana do Altino. Enquanto isso, desfaziam e duvidavam do André. O casal não via com bons olhos a bondade do

caçula. Tudo porque o mocito não se influía com guerras, não fechava a cara prá ninguém e era amigo de todos, sendo capaz de tirar a camisa prá agasalhar um pobre. Quando escolheu estudar pra Dentista, eles, sem regatear, o mandaram pra fóra do país, na esperança de que voltasse mudado. Nem lhe sentiriam a falta, pois tinham consigo o Altino.

E agora, que o Altino fora para a guerra e morrerá?.. Só lhes restava o André...

Com a volta das Europas do filho já formado, o casal festejou. Parecia finda a tristeza dos últimos três anos. Mas - qual o quê!...um ódio mesquinho ainda lhes roía as entranhas... Enquanto recebiam André com todo o amor e carinho, o estancieiro e a mulher faziam planos às escondidas, para uma grande vingança. Já que o exposteiro Fidêncio sumira, pretendiam o coronel e a mulher vingar a morte do Altino de qualquer maneira, castigando a raça do traidor.

Isso é o que dá quando o poder demais sobe nas cabeças: Tanto queriam mandar em tudo como Deus, que acabaram se conchavando com o Diabo...

*

Na vila, o doutor André botou uma saleta de consultório, com seus apetrechos. Saía de carrocinha nos dias de semana, carregando os trastes – cadeira de campanha e ferramentas - para trabalhar nos sítios e fazendas da região. Aos sábados, abria o consultório na vila e atendia de graça os pobres. Assim como estou olhando prá o senhor na minha frente, ainda o vejo moço,

cabelos pretos, alto e desempenado, uma simpatia só, sem orgulho nenhum.

Foi numa dessas manhãs de Sábado, que ele olhou pela janela do consultório e viu chegar uma linda moça, sentada com garbo ao selim de um cavalo mouro prateado. Depois de amarrar o pingo, ela entrou e, simples em seu vestido de chita, saudou: - Buenos dias, doutor!...Tem lugar prá uma consulta? Meu nome é Merênciã.... - Merênciã da Rosa...

Por instantes André ficou nas nuvens, lembrando a quadrinha que aprendera em criança com a cozinheira Ricardina, lá da estância:

Um vestidinho de chita,

Feito com gosto e com

arte,

Deixa a pessoa bonita,

Pode entrar em qualquer

parte...

- Pois não, fique à vontade; do que se trata?
respondeu, voltando a si.

Ela explicou que lhe aparecera uma pequena cárie num queixal. Sentada à cadeira, André examinou-lhe a boca, lábios delicados, dentes perfeitos, somente aquela pequeníssima perfuração. – Adoro rapadura... justificou-

se Merênciã e ele sorriu: – casualmente também adoro. Vamos obturar?

Aonde moras, Merênciã? perguntou ele após terminar o trabalho.

Moro com meus tios, na picada dos Rosas, explicou ela. – Mas é longe! disse ele... por que não almoçamos juntos? – Primeiro, doutor, quero saber quanto lhe devo. – Nada, só me deve a companhia no almoço... E assim começava um lindo amor, os dois estavam pialados um pelo outro.

A novidade do namoro não demorou a chegar ao conhecimento dos pais de André, que difarçando a contrariedade, tentaram com jeito tirar-lhe de cabeça: - Mas menino, deixa dessas brincadeiras de namoro com quem não tem onde cair morta!...disse a mãe. – Que é isso, mãezinha, as minhas intenções são as mais sérias!... - Sérias?! O pai, já de pávio mais curto, alteou a voz - tu não sabes com quem estás te metendo!.. – Afinal, meu pai, não estou lhe entendendo, seja mais claro!.. retrucou o moço. Dona Marfisa, a mãe, amaciou a situação: Está bom, filho, não se fala mais nisso, o teu pai está cansado, não te aborreças.

No dia seguinte, levando o jornal de Porto Alegre, mostraram os dois uma notícia alvissareira para André: era um rodeio grande de doutores dentistas – chamam congresso, não é? – que iria haver na capital, por uma semana. - Não podes perder, filho! Vamos providenciar tudol!...Entusiasmado com a tentadora viagem, André conformou-se de ficar longe, por poucos dias, de sua

querida Merênciã. Foi uma despedida cheia de juras de amor, e o moço partiu. Um apaixonado beijo selara o trato entre os dois, de casarem assim que voltasse.

Assim que André viajou, dona Marfisa foi ao quarto do casal e tirou de uma gaveta o seu diário secreto. Ali, pôs a data e escreveu: “Amanhã será o dia da grande Justiça, há tantos anos esperada. Altino será vingado e André ficará livre dessa raça infame”

Todas essas coisas, patrãozinho, eu fiquei sabendo mais tarde, pelo próprio doutor André. Nessa época eu não tinha nada na cabeça. Nos meus dez anos, só queria saber de brincar.

Tinha saído a catar ovos de passarinho pelo mato, justamente ali pela Picada dos Rosas. Escondido entre os galhos de camboim e guajuvira, vi chegarem a cavalo, o Sotero Cobra e o Izidro Torto, dois mal afamados peões capangas da estância do Coronel Virgílio. Fiquei com medo e me encolhi nas moitas. Boa coisa não andariam fazendo, pois se esconderam com seus animais, um de cada lado da picada. Logo, logo, no galopito do seu mouro, apareceu a moça Merênciã, passando pelos dois sem nada ver. Atrás dela, um laço foi lançado, enleando-a pela cintura e derrubando-a do cavalo, que correu assustado picada afóra. Os dois bandidos correram até a moça e trocaram o laço por um maneador, de couro chato. Mandando que levantasse, obrigaram-na a caminhar assim, com os braços presos e o maneador no pescoço, na direção do chiqueirão dos porcos, cujo cercado ficava na nascente do banhado.

- Cruzes!...O que estaria prá acontecer?...

- Cuidado, Cantídio, se te enxergam, te pelam a coruja!...segredava o meu anjo da guarda...

Mas a curiosidade era mais forte ainda que o medo – e uma força me empurrava atrás daquilo, levando-me de pernas trêmulas e tudo, a me esgueirar de moita em moita., até bem perto de um eito rente ao cercado. Ali os dois capangas tinham obrigado a moça a se ajoelhar. De repente, saindo debaixo de uma figueira, apareceu na frente dela, montado em seu zaino negro, o coronel Virgílio. De cenho carregado, começou a falar: - Tu sabes por que é que estás aqui? – Coronel, juro que não tenho a menor idéia!...respondeu Merênciã. E ainda o interpelou: - O que é isso, coronel? Enraivecido, o patrão grande levantou a voz: Tu te cala, atrevida, pois fica sabendo que se ficaste viva esses anos todos, foi porque eras pequena e eu não sujo as mãos com sangue de criança. O traidor do teu pai anda por aí escondido prá não pagar o seu crime. Além de se passar pro inimigo, ainda degolou meu filho Altino! Pois chegou a tua hora: se não paga o pai que pague a filha!

Enquanto a moça chorava, os dois capangas, cínicos, insinuavam ao coronel que "seria um desperdício não aproveitar aquele corpo enfestado".

- Não! Não quero baixezas, esse é um acerto de honra. Merênciã ainda questionou: - Mas coronel, o senhor não sabe que eu sou inocente?!... – Inocente é o meu filho André, prá quem andas arrastando a asa!. Pensaste que eu permitiria em sujar o sangue dos Moura

com a tua raça miserável? E ordenou aos capangas: Executem!

- Pecado grande, patrãozinho, foi cometido ali, diante de Deus. Segurando o cabelo da moçarente à nuca, o Izidro Torto deu um puxão brusco prá trás, forçando-a a levantar o queixo. E então, a faca de Sotero Cobra cortou-lhe a garganta. Ela havia iniciado a chamar pelo nome de André, mas não chegou terminar. – Eu, gelado e chorando, assistindo tudo do meu esconderijo, sem nada poder fazer.

Assim que o corpo parou de se debater, o coronel deu ordem para que as carnes fossem tiradas dos ossos e tudo dado de comer aos porcos – Não quero nada cheirando para atrair urubus e dar pista aos mirones. Enterrem os ossos lá em baixo, bem fundo. Assistiu a esfola e partiu só depois de estar convencido de que o resto da tarefa seria terminado a contento. Já querendo anoitecer, os dois capangas, carregando a sacada de ossos, desceram beirando o banhado e foram fazer o enterro. No caminhar, por descuido deixaram cair o osso do queixo, ao lado da estradinha. O saco dos ossos enterrados, nunca mais apareceu. Mas o queixinho, esse não puderam esconder, porque este negro, que era um simples menino, teve a coragem de recolher o osso ali na estrada e guardar em outro lugar, fácil de ser achado depois. - Arre, bandidos!...

Quando o doutor André regressou de Porto Alegre, louco de saudades da noiva, soube das novidades. O cavalo aparecera na casa dos tios, sem a cavaleira. Na procura que se seguira, o moleque Cantídio terminara por achar o queixinho. Estando em exposição na capela

da vila, André correu lá. E, ao examinar o osso, quase morreu de dor: Ali estava, no dente queixal, a pequena obturação chumbada a ouro, que ele mesmo tinha feito naquele sábado em que conhecera a Merência. – Quem praticou essa maldade?! urrava em soluços o moço para o delegado que, entre zozzo e envareto, não sabia o que fazer.

Eu era criança, mas até me senti mais velho com o segredo que trazia. A pena que me deu do moço doutor era enorme, mas como falar mal do seu próprio pai? E se o velho depois me manda matar? Tive então uma idéia: Ali mesmo, na capela, falei em voz alta, dizendo que se eu fosse o Doutor, pediria socorro ao Coronel Virgílio, que tudo podia e certamente sendo pai, não lhe faltaria numa hora dessas. - Quem vai ao Santo, vai a Deus!

...Quem sabe não descobrirá por lá o fio da meada, pensei comigo mesmo...

Não sei como, mas deu certo, talvez porque André tenha lembrado da conversa esquisita dos pais antes da viagem para a capital. Feito louco, o rapaz galopeou para a estância e tomado por uma idéia desesperada, foi direto ao quarto do casal. Ele sabia que a mãe tinha um livro vermelho, que os filhos estavam proibidos de ler. Procurou nas gavetas e terminou achando. Ao abrir e ler o livro, entendeu tudo num relâmpago. Lá estava a confissão sobre a “grande justiça” Vasculhando ainda as gavetas, encontrou o revólver do pai. Sabia o que tinha a fazer, não havia outro caminho. Mataria os pais e se mataria.

Jesus Cristo!...André nessa hora cambaleou e teve um desmaio. Em sonho lhe apareceu em toda a lindeza, a sua Merência. – Disse que estava ali prá protege-lo. Pediu-lhe que não se manchasse com mais sangue. Prometeu estar perto dele todos os dias, até a vez de se unirem e serem felizes. Quando o moço acordou, estava estendido no chão e o revolver sumira. A mãe e o pai haviam chegado ao quarto e viram o diário aberto. Pálidos, tentaram se explicar. André levantou-se com dignidade e voltou-lhes as costas: - Me deserdem, mas nunca mais contem comigo.

Agora veja, patrãozinho, como Deus arma as coisas.

Não passara um mês que o doutor André reabriria seu consultório, agora me empregando como ajudante. Era eu quem prendia o cavalo, carregava as ferramentas e o ajudava a colocar na carroça a cadeira de campanha. Ele, depois do que passara, tinha de vereda embranquecido os cabelos.. Um dia, veio o capataz da estância lhe dizer que teria de ir lá, pois os dois velhos tinham enlouquecido. Desta vez, fomos juntos. A situação era bicho feio, pois nada mais restava da antiga pompa do coronel Virgílio Moura e de sua mulher Marfisa, que se arrastavam pelo chão, babando e uivando. O capataz mostrou a André a carta que chegara e que ele salvara de ser queimada pelos dois loucos. Era do tal informante da Palmeira, falando de um terrível engano: o carrasco Fidêncio da Rosa era outro, que, por acaso, tinha o mesmo nome do pai da Merência... Num

churrasco político em que a bebida correrá solta, o coronel Firmino, mandante do massacre do Boi Preto, deixou escapar que, na hora derradeira, o prisioneiro Fidêncio se oferecera prá morrer em troca da vida do moço Altino: - Quem és tu prá negociar, meu tocaio - se a tua vida já está no fio da minha faca?!... – fora a resposta zombeteira do carrasco.

*

Internados os pais no hospício, o doutor André cuidou da estância com grande competência, mas do seu modo. Quando vendia uma tropa, sempre dava jeito de ajudar alguém necessitado. E foi repartindo a fazenda com os agregados. Menos bois e mais lavouras. Eu mesmo, se hoje tenho meu rancho e esta terrinha que me sustenta, agradeço a ele, de rédea no chão, pois devo-lhe um rio de favor.

No mais, continuou sua vidinha simples, praticando a profissão de que gostava. Seu prazer era nos sábados, abrir o consultório na vila e espiar distraído pela janela, imaginando a chegada de sua garbosa prenda montada: - Buenas, doutor! Tem uma consulta prá mim?...

Quando o Doutor André, já idoso, morreu, ajudei a carregar o caixão até a cova. No meio da multidão de povo que acompanhou, apareceu, não se sabe donde, um cavalo mouro prateado, tendo um vestido de chita atravessado no selim. Depois, desapareceu misteriosamente.

- Pense o patrãozinho o que quiser. Mas eu tenho prá mim, que era ela, a Merência, que vinha, afinal, juntar-se ao noivo...

O TESOURO DOS JESUITAS

Primeira Charla

- *Que domingo mais gostoso este, aqui na fazenda...Não há nada como tomar mate e depois montar um bom cavalo crioulo....e sair a passear no campo com o Avô da gente!...Mas...olha ali, na beira do mato, aquela pedra parece uma cruz!... Até me faz lembrar das histórias de jesuítas. Vovó, o senhor acredita que existam tesouros enterrados pelos Jesuítas?*

- Claro que sim, acredito!...Mas não do jeito que muitos pensam, meu neto. Vamos apelar um pouco no passo pra dar um mata-sêde aos matungos. E a cada alce, eu vou te contando a história de um mapa que existiu, do verdadeiro tesouro dos jesuítas.(...) Tá bom? Então me escuite.

- Há muitos e muitos anos tudo aqui era campo aberto, e os veados e avestruzes corriam livremente pois era terra de ninguém....Minto. Era terra dos índios. Eles já estavam por estas Américas bem antes do Cabral chegar lá na Bahia. Mas Isto tu já sabes. O que talvez não saibas é que nestas terras onde é hoje o Uruguai e o Rio Grande, foram os Jesuítas das Missões que primeiro introduziram o gado vacum e cavalar. O ataque dos bandeirantes espalhou suas criações ao Deus dará; e, com os anos, formou-se a Vacaria do Mar.

Quando os jesuítas voltaram e criaram as Reduções dos Sete Povos, já encontraram miles e miles de cabeças. Mas como quera, essas vacarias já vinham sendo invadidas por toda laia de aventureiros caçadores de couros.

- E esses couros eram contrabandeados para os portugueses da Colônia do Sacramento, não é, Vovô?

- Ih! Sim, nem me fales. Os chefes espanhóis, não podiam impedir que se formassem bandos e bandos desses *gaúchos primitivos* nas planícies pampianas. Bem montados, eles primeiro, arrinconavam o gado numa costa de rio. Depois, usando uma lança de meia lua, desgarravam, isto é, cortavam os calcanhares, deixando os animais de rastos. Por fim, sangravam as rezes no campo aberto; só pra tirar o couro. que era estaqueado em costelas cravadas no chão. As pilhas de couro seco eram levadas em carretas ou de arrasto para a Colonia do Sacramento, onde tinham comércio certo. Os espanhóis, loucos de raiva chamavam esse comércio de... *maridage hispano-lusitana*. É certo que nos bandos de coureiros havia, sim, mestiços espanhóis, mas também havia destros paulistas luso brasileiros. Os jesuítas até foram os primeiros usar a palavra *gaudérios* para referir-se a esses aventureiros paulistas.

- Bah! Tempo brabo aquele, Vovô!...Carniça no campo devia ser imundície...

- Carniça, urubu, onça e até cachorro chimarrão que virava selvagem... Mas isso é outra história. O que vem ao nosso caso é que lá, nos Sete Povos, os padres e índios ficaram alarmados com a notícia das matanças do gado. Trataram logo de salvar o que pudessem de seus rebanhos de cria.

Escondiam suas tropas nas curvas de rios como o Camaquã, e ali nas várzeas dos rincões faziam invernações, De guarda - que nem palanques vivos - ficavam índios posteiros vaqueanos no cerco aos rincões. Os tais também se encarregavam de zelar pelas vacas para que parissem muitos terneiros, capar os machos no tempo certo e apartá-los quando esses novilhos chegassem à idade de engorda. A providência era urgente, porque as famílias de índios das Reduções, já se tinham habituado ao alimento da carne. Se faltasse a ração diária, poderiam afloxar a disciplina, abandonar os aldeamentos e se mandar à la cria, mato a dentro.

Foi nessa situação que um jesuíta chamado padre André, mostrou seu valor. Era vindo lá da França, e ainda novo na Ordem. Um moço muito sabido e curioso, e que tomara amor pelas gentes e pela terra. Escolheu um rincão com boa várzea, cortada bem no meio por um arroio que descia manso e reto para o rio. Nessa várzea ele pôs os índios a cavar valos dos dois lados do arroio, formando assim o traçado de uma enorme roda de carro estendida no chão e com divisões de mais de trinta raios. No centro, no lugar da maça, foi cavado um lagoão redondo. Ah! Esqueci de dizer que o arroio fora desviado em provisório para o pessoal cavar no seco. Depois de feita a cavidade, voltou-se a trazer o arroio ao leito natural, enchendo o lagoão. Ficaram prontos assim, mais de trinta potreiros, todos eles dando porto pra beber no lagoão. É aqui que vamos engordar os novilhos, disse o padre André. Todos os novilhos vão pastar e esterçar juntos em cada potreiro cada dois a três dias, numa lotação justa, fazendo rodízio e voltando a emendar no primeiro potreiro quando este, rebrotado, já apresentar a labareda verde.

- *Mas então Vovó, o padre precisou tirar os campeiros sentinelas das invernadas para esse serviço miúdo de troca-troca de potreiros?*

- Não foi preciso, meu neto. As mulheres índias, a pé, é que lidavam com o gado. Os bois, sempre bem alimentados, ficavam mansos a tal ponto, que as índias choravam na despedida, sabendo que dali eles iriam para as Reduções e para o abate. Mas logo se conformavam, com orgulho de um serviço em que o pasto engordava o gado e o gado engordava a terra e o pasto. Antes de morrer de velho, o padre André deixou escrito num pergaminho de cabra, o mapa da Roda de Carro, com suas instruções de uso.

- ...Bueno, por enquanto vamos montar, que os nossos cavalos já descansaram e já compusemos os arreios. Temos de subir um bom repêcho, até a próxima olada...

Segunda Charla

..- *Que lugar alto este, Vovó!...*

- Foi mesmo de propósito que te convidei a subir aqui, meu neto. É pelo panorama que tem. Vamos apear ali na sombra daquela figueira copada e dar um verdejo aos cavalos...(..)...Vês, lá longe, até o horizonte, aquele despotismo de cerros e coxilhões? O que te faz pensar?...

- *Pensar, não digo, mas imaginar, sim:...cenas antigas de combates, cargas de cavalaria...*

- É por aí, meu neto. Aquele coxilhão que levanta o lombo redondo e limpo por cima da mataria, tem a cara do Cerro de Batovi, lá de São Gabriel, onde foi morto o guerrilheiro Sepé Tiaraju,.. Aquele outro coxilhão comprido, que se estende lá mais para trás, lembra o cenário da batalha final de Caiboaté, onde foram massacrados, o cacique Nicolau Languiru e mais mil e quinhentos guaranis. Com isso, podes fazer idéia da grande desgraça que atingiu os Sete Povos.

- *Que barbaridade! O fim dos Sete Povos..., Então... O mapa da Roda de Carro deve ter-se extraviado...*

- Só não se extraviou porque o cacique Languiru, antes de partir para a luta, deixara o mapa nas mãos de sua enteada, uma mestiça índia chamada Irani. Mas o que poderia ela fazer com o mapa, se a sua gente estava toda se espalhando, muitos tomando rumos diferentes; e os gados perdidos? Com o coração apertado, Irani montou e foi-se ao Camaquã aconselhar-se no rancho onde vivia a centenária Nhã Corá. Diziam que essa índia enxergava além dos tempos. Conheço esse mapa, disse ela, pois vivi no tempo do padre André e trabalhei com o gado na Roda de Carro. E continuou falando: Debaixo da terra, Tupã e Anhangá estão sempre em luta. Tupã é a benção e Anhangá a maldição. Tupã dá fartura e Anhangá dá pobreza na produção da terra. Os homens só tratam de tirar – mas esquecem que também tem de botar. Nós, mulheres quando trabalhamos com o padre André, vimos que o próprio gado tira e bota... Guarda minha filha esse mapa, passa ao teu filho *Picumã*, que vai nascer. Aparecerá alguém junto com ele para saber usar no lugar certo. O mundo da América está mudando, O branco que

caça o couro, vai dar valor ao charque. Vai ter que criar o gado em vez de matar atôa - e a nossa gente vai cruzar-se - pra sobreviver mestiça deste lado do rio Uruguai...

- Picumã...Picumã... peraí, Vovô; acho que já conheço esse nome, Não é aquele chiru que trançou um buçalete com os cabelos da china, sua própria filha?...

- Esse mesmo, meu neto. Espera que lá em baixo eu já te conto como o Juca Picumã veio a usar o mapa da Roda de Carro. Isso foi depois de cinquenta anos passados da guerra do Sepé Tiaraju.. Nesses cinqüenta anos, aconteceram treze anos de luta dos luso brasileiros agauchados contra a dominação espanhola no Rio Grande. Nesse mesmo período chegou-se ao tempo das charqueadas e até da independência... É aí que também nós chegaremos, mas por enquanto, vamos montar e, ao tranquilo no mais, descer por este Cerro...

Terceira Charla

- Que diferença, Vól!...Depois daquele baita cerro, chegamos nesta várzea. De tão assentado, o campo até parece uma tábua...E aquele gado reunido ali na campina como se fosse um rodeio... ou mesmo, uma tropa trazida de propósito...

- Vejo que tu tens imaginação, guri!...Pois sabes o que esse cenário me faz lembrar? Nada menos que a centenária feira da Tablada. Criada três anos depois da independência, lá em Pelotas, ainda a conheci servindo com sua balança o matadouro municipal até meados do século vinte. No tempo

das Charqueadas, as tropas, vindas de todas as partes do Rio Grande, eram ali reunidas para os negócios com os charqueadores. Era num chão bem assentado como esse que estamos vendo. Só que na Tablada havia encerras para cada tropa...

- *Desculpe, Vovô, estou curioso em saber do destino do tal mapa da Roda de Carro... Vamos apear na sombra daquela corticeira,?*

- Sim, ...bonita a corticeira e está bem florida!...Por sorte, tem até uma poça de água limpa e capim para os nossos pingos.....(...)...

Então, vamos à nossa história..

- Pois foi nessa mesma Tablada, lá por uns dois anos antes de estourar a Guerra dos Farrapos, que se conheceram dois estancieiros já velhitos, o capitão Ferreirinha, vindo do Camaquã e o major Jordão, vindo do Quaraim. Foi fácil se tornarem amigos, pois eram antigos milicianos desde a militarização do pampa contra a invasão espanhola. Eram veteranos de muitos combates. Os dois haviam se tornado estancieiros por terem sido agraciados com a distribuição das sesmarias pela coroa portuguesa. Major Jordão, faceiro com sua tropa de bois - de 7 anos, pudera!... – gabava-se das limpezas que fazia em seus campos. Achando exagerado o numero de animais cavalaes que perturbavam seu gado, fazia acontecer grandes correrias para liquidar com, as eguadas .Para isso , dou empreitada a oitenta e tantos campeiros boleadores, podendo cada um pegar pra si os animais que queiram. É um estrondo de patas – Miles de animais correm como veados e no fim morrem estrompados!...Ferreirinha - que antes de ser miliciano já

fôra tropeiro de cavalos e mulas – e ainda mandava tropas de animais para a feira de Sorocaba – não gostou do que ouviu, ficou sério. Na minha estância, em vez de matar, aproveita-se as cavalhadas. As manadas se criam separadas do gado, como nas antigas estâncias dos jesuitas. Muitos baguais comuns são castrados. Com isso diminui-se as brigas e correrias, pois coloco reprodutores jumentos nas suas manadas. Assim no mês de março, já tenho tropas de mulas pra vender aos tropeiros meus amigos, que vêm de Sorocaba. No tempo de Trilhas de trigo e feijão, emprestamos tropilhas xucas aos colonos açorianos para separar os grãos a pata de cavalo, e eles nos agradecem presenteando com sacas de cereal. Os campos bem povoados não engrossam, pois como dizem, o cavalo e o boi têm cinco bocas – ao pastar também pisoteiam – matando os cardos, carrapichos, joás.e outras pragas.. Só resistem e rebrotam os capins e os trevos, que são plantas de prado, com raízes fortes. Tenho por capataz, um mestiço mui habilidoso da gente lá das Missões. Chama-se Juca Picumã...

A la puxa, Vovó, o Picumã,!...A história está esquentando!...

- Tu ainda não viste nada, meu neto!...

- E o Ferreirinha continuou contando... que o Picumã lhe entregou um mapa mui antigo, feito lá nas Missões por um tal de padre André... que o tal mapa ensinava , tintim por tintim, a arte de engordar novilhos... e engordar também a terra... que o mesmo Picumã, percorrendo a estância, na costa do Camaquã, encontrou um rincão cheio de valos, formando uma roda de carro...Picumã conferiu as marcas do terreno com o desenho riscado no mapa do padre André. - É aqui mesmol, gritou. Já está dividido em

potreiros e tem um lagoão no meio...Desde então com a ajuda do mapa e do próprio Picumã, botamos as mulheres de peonas pra manejar o pastoreio na engorda dos novinhos. E todos os anos viajo junto com a tropa de bois gordos que eu mesmo vendo aqui na Tablada. Quer ver a minha tropa?...Major Jordão, um pouco avexado com as contraditas do amigo, deu uma olhada na encerra e comentou, com ar de pouco caso – É, os teus bois estão bonitos, mas os meus são maiores...Sim amigo Jordão. É que esses meus terminam a engorda com menos de três anos de idade – e têm mais carne do que osso. E os teus, por sete anos ocupam o teu pasto – são grandes, mas, têm mais osso do que carne...O major Jordão, por comodismo, respondeu para si mesmo que o que importa é a balança e saiu dali sem dar o braço a torcer. Estou muito velho pra acreditar nessas lorotas. Ora, potreiros!...Na minha estância com largueza de pastagens, que necessidade terei de amontoar os meus bois em potreirinhos?... Mapas de jesuíta!.. Esse tal Picumã deve ser um bom queimador de campo...lorotas!...

Quarta Charla

- *Nossa, Vovó! Bem inteligente esse capitão Ferreirinha. Como tropeiro, devia ter muito mundo...*

- Com certeza, meu neto. A Vida, às vezes, ensina mais do que os livros... mintó!...do que certos livros. O Ferreirinha dizia-se feliz, por chegar no fim da vida, deixando alguma coisa de útil para os outros. Pena que não teve seguidores. Picumã alistou-se voluntário na Farroupilha e morreu como herói desconhecido. E os seus herdeiros – mais os herdeiros dos herdeiros - foram todos caiporas. Veja só:

O herdeiro filho era um moço bem intencionado, mas foi descuidado. Ao ler o mapa, só tratou de iniciar o pastoreio dos novilhos e povoar primeiro piquete, quando o pasto todo já tinha passado do ponto de labareda verde - amadurecera e sementeara. Com a palha seca, e só as sementes novas no chão, não houve rebrote pronto do pasto, nem engorda dos bois.

O herdeiro neto, por ter cursado faculdade, ficara um tanto pretensioso. Bem diz que santo novo quer fazer um milagre em cada esquina. Ao lotar o primeiro potreiro, inventou deixar por mais de três dias, os bois pastando em cada encerra. Ih!..Foi um desastre,...Os bois rapavam até os últimos tocos e até as coroas dos pés de capim, comendo ou pisoteando os perfilhos. Sem as reservas, o pasto perdeu a força. Com rebrotes miches, não houve labareda verde. Só quando o esterco, já fermentado repugnava os próprios

animais é que o aprendiz de feiticeiro passava o gado ao potreiro seguinte. Tomou prejuízo.

O herdeiro bisneto era um viciado por carreiras e pelo jogo do osso. Havendo perdido metade do rebanho em jogatina, restaram-lhe menos novilhos para a engorda. E o tonto não teve a precaução de diminuir o tamanho de cada potreiro. Com lotação frouxa e estercação rala, o pasto voltou a engrossar e a ser invadido por toda chusma de inços e cupins. Sem esterco suficiente, os gênios da terra cansaram de liquidificar os sucos para as raízes .. A acidês tornou a endurecer a terra . Achando inutilidade no mapa, o moço atirou-o no fogo do galpão.

Morreu a labareda verde. A índia centenária Nhã Corá, se fosse viva, diria que a maldição de Anhangá vencera naquele momento as bênçãos de Tupã...

Quinta charla – final

- A cavalgada foi ótima, Vovó, mas já que chegamos e que os nossos pingos estão soltos e se espojam no potreiro da sede = esta gostosa mateada no galpão é outra festa. Bueno, e agora, Vovô - já que a Roda de Carro e o seu mapa não existem mais, não haveria um jeito dos nossos fazendeiros adotarem esse modo de manejar o gado enriquecendo o solo com o próprio gado?

- Jeito há, pois eu tenho pra mim que aquele desenho redondo é só simbólico e que a divisão dos potreiros não precisa estar em fila redonda pra funcionar . Basta que todos

tenham acesso à água. Além disso, hoje em dia, a tal cerca elétrica facilita a divisão de poteiros. Como tu sabes, meu neto, eu sou um simples empregado. O nosso passeio livre neste domingo não quer dizer que eu tenha o poder de manejar o gado desta fazenda como acho mais certo...Manda quem pode, obedece quem precisa. Tenho de amarrar o cavalo à vontade do dono...

- Pena, Vovó, que as cabeças ainda pensam mais no estilo Major Jordão, do que no estilo capitão Ferreirinha. Enfim, cada um sabe onde lhe aperta o sapato...Deixe-me fazer uma outra pergunta, Vovó. É uma questão ética .O senhor mesmo contou que as índias choravam compadecidas dos bois tão mansos que engordavam para serem abatidos e virar carne de consumo nos aldeamentos das Reduções. Ainda hoje esse drama se repete, no Rio Grande, no Brasil e no Mundo. Não é da gente também compadecer-se?

- Sim, meu neto. Diz a lenda que os fios d'água que descem pelas várzeas para os rios de nosso Pampa foram formados desde o tempo das vacarias, pelas lágrimas do gado que se juntava no lugar das matanças, para mugir em doloroso lamento pela falta dos companheiros. Contudo, temos de colocar na balança também, a nossa dor humana pelos milhões de gentes deste planeta que morrem de fome. O sacrifício ainda hoje dos animais – não só bois, mas ovelhas, cabras, aves, peixes , cobaias e até cavalos – ainda é um holocausto imposto à sobrevivência da humanidade. No dia em que essa necessidade for coberta de maneira satisfatória por outros modos, todos nós poderemos, sem hipocrisias e alienações, dar rédeas a nosso sincero compadecimento pelos animais. Por enquanto, nosso único consolo é livrar da matança e dar carinho a alguns animais de estimação e apoiar

as leis de proteção dos animais contra as crueldades e abusos de que são vítimas.

- Por uma ironia, hoje, Vovó, muitas espécies de animais domésticos devem sua não-extinção, aos criadores que as multiplicam no atacado para serem sacrificadas no varejo...É possível até que no futuro tão sonhado, o abandono do consumo de carne vá causar o encolhimento dos espaços de criação. Isso diminuirá as populações dessas espécies e as ameaçará de extinção - não concorda?... Mas - voltando à sua narração -, qual a mensagem que nos fica do Tesouro dos Jesuítas?

O grande tesouro enterrado dos Jesuítas – e também pode ser nosso – é a terra fértil, bênção mais rica para quem a habita. Como tirar alimentos da terra sustentando essa bênção? Como superar a maldição da terra cansada? Uma das formas mais fáceis que o homem do campo tem é engordar o campo com a matéria orgânica. Principalmente aquela que o próprio gado produz, ou seja, o esterco, num pastoreio concentrado de manejo sensato.. Já que a carne é, desde os começos do mundo e ainda hoje, um alimento básico das populações, a sensatez aconselha engordar o gado com o pasto e engordar a terra e o pasto com o próprio gado.

- Isso, Vovó!...Não há nada como tomar mate, montar um bom pingo crioulo, e aprender com o Avô da gente a história e os mistérios do Tesouro dos Jesuítas!...

LEITURAS DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO

*(Contos publicados no Diário
Popular de Pelotas, RS, de fins
de 2004 a dezembro de 2005)*

EU, BONIFÁCIO ! **(ANTES DA CARREIRA GRANDE)**

Uma releitura de O NEGRO BONIFÁCIO

O meu nome é Bonifácio:

Sou filho da Chica Preta,

Trago marca na paleta;

Quando estou de marca quente,

Não tenho parte com gente:

Comigo ninguém se meta!

Quieto, meu Libuno!...Não te faz de rogado, teu dono só quer te aparar os cascos pra a gente ir na carreira grande. Aí, cavalinho bonito, levanta a pata, assim!...Tu sabes que és o meu melhor amigo?...Assim que te vi no campo, te cobicei pra mim. Retouçando alçado num trote quase sem tocar no chão, parecias uma nuvem escura, dessas ariscas que se apartam na frente, antes da tempestade .O teu rabo branco era um corisco riscando em cima do cinzento da nuvem... meu rabicano!... Este negro consegue tudo o que

quer, por bem ou por mal. Tu me caíste por bem, pois muita oferta fiz pra te comprar do capitão Pereirinha...e lhe domei mais cinco baguais!... O meu tirador de lontra enfeitado de azul, esse eu ganhei naquele jogo de taba, pô Belmiro soldado...Ele nem chiou... e ai que chiassel!...E tu sabes daquele dia, em que a gente passava no mato do arroio... foste só tu, meu Libuninho, que estavas lá comigo e viste tudo... quando este negro bispou a Tudinha, aquela potranca sestrosa filha da china Fermina, se banhando nuazinha em pêlo. E tu não viste o quanto ela gostou quando eu cheguei por trás e gadunhei-a pelos peitos? ...e quando nos deitamos no meu pala e nos rebolcamos até pela areia do passo, - tu não viste como tudo aquilo foi lindo, Libuninho?...nesses encontros escondidos com a Tudinha, este negro ficou mais monarca; e até lembrou que era neto de lanceiro negro farrapo; e que podia merecer uma vida mais livre e feliz... Mas ai, Libuninho!... - dá agora a outra pata!... - não é que aquela potranca não passava de uma impostora serigaita?...Quando um dia eu lhe fiz envite prá ir ao comércio na minha garupa, que eu queria mostrar a todos a minha morocha tão bonita, a bicha começou a sentar prá trás... - porque a mamãe...porque o capitão Pereirinha...Ai cuna!...foi aí que eu corcoveei! E quando lhe disse que essas frescuras me davam nojo, ela se apotrou e atirou os quartos, me chamando de negro tição nojento e outras besteiras mais!...

Meu amor brigou comigo,

Eu não sei por que motivo;

Que m'importa?vá à la cria,

Não é de amores que eu vivo.

Ajeita a pata, cavalo! Logo eu termino isso, meu Libuninho. Se fosse ofensa de homem, eu castigava no ferro branco ou no rabo-de-tatu. Mas prá a Tudinha, mesmo tremendo de raiva, eu ainda me segurei...e só respondi: - Olha, coração, eu queria ser a metade do que tu pensas que és!. Sou negro preto, sim; e não me troco por vinte dos teus brancos!... À la cria, dona mestiça metida a branca!...

Eu sou gaúcho de sangue

E não sou filho de gringo;

Posso passar sem mulher,

Mas não passo sem meu pingo.

- Stá pronto os cascos, Libuninho, agora abaixa o pescoço que eu vou te tosar a meio cogotilho que é pra tu escarceares faceiro lá nas carreiras:... Assim!... não tenhas medo...Eu só fico brabo quando me pisam no poncho... aí, eu mesmo não me conheço, viro uma coisa bruta, sou touro e dou rodeio; e corto com meu ferro branco a quem se atravessar...nessa hora não tenho mãe viva!... Tudo bueno, meu Libuninho, vou agora te soltar no potreiro. Amanhã cedito, ato a tua cola branca, bem alto onde canta o galo, com três cachos, e vamos farrear na carreira grande...lá tem cachaça, truco e taba!... antes, vamos passar no rancherio das Velhinhas, pra eu alçar na garupa a Picucha, aquela chirua beijudinha bem repartida, que é a mais nova da minha tropilha . Essa, pode não ter um figuraço, mas não tem cócegas e vai comigo a qualquer lugar!...Só quero ver a cara da Tudinha quando se

pechar com a gente...abre cancha, pessoal, que lá vai o Bonifácio!..

Eu vou pra carreira grande

Pela farra e pela sorte;

Sou maleva e grito forte;

Carrego meu ferro branco

Porque sou de agüentar tranco,

Seje prà vida ou prà morte!]

TUDINHA E O ESPELHO

Uma releitura de O NEGRO BONIFACIO

[Espelho, espelho meu!...][Haverá no pago chinoca mais airosa do que eu?...]

Tudinha está no quarto, nua diante do espelho. Alto de corpo inteiro, aquele espelho francês de cristal *bisoté*, moldura dourada, fora trazido pelo mascate Najibe no dia de seu aniversário. Encomenda especial e presente do capitão Pereirinha, o Tata... – Proibida pela mãe de chamar por Tata o dono da estância dos Guarás, Tudinha, não é mais criança. Há muito já percebera que as costumeiras apeadas do patrão no posto não eram somente pra sestar na rede ou tomar chimarrão com mãe Fermina. Além disso, quantas águas já haviam rolado no arroio do passo!...

Tudinha contempla-se e seus olhos terneiros brilham de malícia - Amanhã, nas carreiras, o Nadico vai ficar tonto só de adivinhar como é o meu corpo debaixo do vestido... Súbito, seu rosto se contrai: Bem feito pra aquele negro ordinário que não me quis mais. Ele que não se atreva a me aparecer com a vaca daquela chirua beijuda!... E, contrafeita: - Não que eu esteja enrabichada por aquele tição feioso. Se me perdi pra ele, foi pelo que o Tata e mamãe me fizeram com o pobre do Justininho...ai, Justininho!...meu amor de verdade...que dôr eu passei!...

Amor de adolescência. Justino fora o primeiro peãozinho de pátio a servir no posto da china Fermina, a mando do patrão. Fazia de tudo, desde botar as vacas e tirar leite de madrugada, até varrer o terreiro, cuidar das galinhas e porcos, amilhar os cavalos de cocheira, preparar o chimarrão... Bem pretinho, esbelto e guapo, tinha olhos grandes e um sorriso aberto, de dentes mui brancos. Tudinha deu de acompanhá-lo ao arroio pra ajudar na lavagem dos cavalos. Gostava de entrar nágua com ele, molhando o saiote de chita.. Quando em vez, os dois corpos se roçavam, sem maldade - um arpeio de prazer corria-lhe a espinha. Ela já descobrira o amor e voluntariosa provocava - às vezes se agarrava nele pelas costas.. O piazote sorria, mas atemorizado se encolhia, todo em respeito. Nada de mais acontecera. Porém, em breve aconteceria, se... Siá Fermina estava arpista e não tardou em passar seus receios pra o capitão Pereirinha. - A guria já menstrua, pode emprenhar!... Logo, logo, passou no posto um peão, da parte do estancieiro, com recado pra o Justino voltar à sede. Um cavalo, trazido a cabresto foi-lhe entregue e o peão despediu-se. Justino montou e partiu só. Nunca mais foi visto com vida.

Passaram-se quatro anos. Tudinha chorara muito mas já se recuperava da perda. Um dia apareceu no posto, domando baguais da estância, o negro Bonifácio. Aquele aruá era esperto quando queria e, depois de uns salamaleques pra siá Fermina, buscou um jeito de adiantar-se pra falar a sós com a Tudinha, que regressava a cavalo de um passeio no campo. De começo, ela estranhou-lhe a audácia, mas, quando ele falou no Justino, arregalou os olhos e quis saber de tudo. Sim, o negro ouvira, num bolicho, a história

contada pelo Doca Vesgo, capanga do Tata. - O gajo, cheio de cachaça, vangloriava-se de toda a barbaridade. Naquele mesmo dia em que Justino obedecera o chamado e voltava sozinho, ao passar perto do mato do cemitério teve de parar. Ao lado do caminho, debaixo de uma árvore, estava esperando o próprio patrão com dois de seus capangas. De nada adiantaram os brados de inocência, o Justino fora agarrado e capado ali mesmo. Depois, arrastado aos gemidos para o mato, fora degolado, ficando o corpo entregue aos urubus. Ante a notícia bárbara, Tudinha estremeceu de dor. Mas, enxugando as lágrimas e já forte, agradeceu a Bonifácio. E, dias depois, o atraíra ao passo do arroio, onde, de propósito, se entregara ao domador. Só de raiva. Mas... virgem nossa, como fora gostoso!...

Ainda postada nua diante do espelho, a bela acorda das divagações pra rever seu corpo. Certa vez se deslumbrara folheando uma revista ilustrada. Era o quadro de um pintor francês - uma donzela nua também de pé, tendo ao ombro a quartinha de barro. Tudinha tenta firmar o olhar, mas só vê seu rosto. O corpo do espelho parece estar riscado por uma teia de trincas.

- Meus olhos... suspira - só enxergam estilhaços na minha vida estragada!... Mas amanhã, já estarei com o meu Nadico. E não vou... *não vou mais* ligar aquele negro ingrato!... Os olhos no espelho estão agora brilhando - não com a meiguice de faceira, mas com uma luz baça, de perversa...

Eu sou Tudinha chinoca,

Airosa, que nem rainha;

A vida me fez mesquinha:

Vou ficar com meu Nadico;

E o Bonifácio, chô mico:

Se dane co'aquela zinha!

O ENTÉRRO DO NEGRO BONIFÁCIO

Uma releitura de O NEGRO BONIFÁCIO

Na estrada do Guará, noite alta, se cruzaram a tropa de gado e a carreta. Os tropeiros – que vinham de longe, com destino à Tablada de Pelotas e à charqueada - não deixaram de comentar entre si: – Mas o que haverá nesse diabo de carreta, que os animais fungam e se afastam, passando à distância?... Será o cheiro? ...O rastro deixa no ar um bafio de defunto!...A escuridão era cerrada. Da vareta no cimo do toldo, pendia um lampeãozinho de querozene. Mas a cortina da frente estava fechada; e a luz mortiça mal dava pra ver as ancas semoventes da parelha de bois mansos. Na culatra, seguia o vulto de um cavaleiro – um negro grande, envolvido no poncho, com a aba do chapéu abaixada. Montava um bagual mui bem apumado que, pelo risco branco alumando atrás, devia ser rabicano. E calado vinha, sem responder sequer ao - *Deus te Salve!*.... - Credo! T'esconjuro!...

-Com licença, patrão! Desculpe por lhe incomodar. Como está o senhor? O negro, alto e robusto, parecendo constrangido, estacara à porta do quarto.

- Ah, és tu, Balduino? Entra, meu negro! convidou o major Terêncio. Socorrido na casa de um morador próximo à venda, o estancieiro restabelecia-se do planchaço de facão que o Bonifácio lhe acertara na coxa durante o sangrento bochincho na carreira grande. Ele era um dos poucos sobreviventes do estropício.

- Balduino, tu és meu peão de confiança, mas vê só o que o teu irmão Bonifácio me fez! ...

- Eu soube, patrão, mas graças a Deus que o senhor está de boa saúde. O Bonifácio está morto e, seja como seja, era meu irmão. É por causa dele que eu estou aqui pra lhe pedir um favor. Balduino contou que estava providenciando levar para o Guará o corpo do irmão e já arrumara uma carreta emprestada. Também queria levar pra casa o cavalo de montaria do morto, mas o cabo Anacleto prendera no destacamento o lobuno ensilhado. - Somente o senhor patrão, sendo major da guarda nacional, pode me ajudar a ter de volta esse animal. Agora ele pertence à nossa família, pois o mano comprou e pagou, não roubou!...

Mais uma vez o major Terêncio provou ser um gaúcho de alma grande. Ali mesmo, na cama, escreveu um bilhete para o delegado. - Está aqui, Balduino, faço isso não só por ti, mas também por teu irmão. Por causar tanto estrago, Bonifácio cavou o inferno pra si - mas era um domador de lei, já amansou pra mim muitos baguais - e na peleia, foi um taura como nunca vi: deu rodeio a todos nós de peito aberto!... Merece o meu respeito.

A passagem da carreta rumando para o cemitério despertou o ranchario das Velhinhas, atraindo gente do

vizindário. Lá chegado, o corpo ensangüentado foi retirado pra fora, improvisando-se um velório ao ar livre. - foi só o tempo de abrirem a cova, pois o defunto já estava passado. Depois do *Padre Nosso* e *Ave Maria* - rezados pela benzedeira Zulmira, na falta do padre - o negro morto, tendo por mortalha o velho poncho esfuracado por muitas peleias - foi enterrado na cova direta, já que não havia caixão. Balduino, agarrava as rédeas do cavalo lobuno, nervoso de pesar mas teso de orgulho pelo dever cumprido. A chirua Picucha, última amásia do negro Bonifácio - e que viera dentro da carreta, acompanhando o morto - tomou a frente e fincou na terra da cabeceira uma cruz tosca feita de galhos de guajuvira. Ao pé, deitou um feixe de flores do campo, catado pelas outras chinas. Picucha não conseguia tirar da cabeça o bate-boca que tivera com a Tudinha lá no lugar da tragédia. Ainda enlouquecida depois do ato de vingança praticado no cadáver do negro, a bela morocha quisera agredi-la na saída: - Que vais fazer agora, sua virabosta beijuda, sem o achego do teu retalhado? Picucha devolvera-lhe o desprezo na mesma moeda, atingindo-a em cheio: - Vai te consolar no enterro do teu Nadico. E fica sabendo, sua infeliz, que eu estou levando na minha barriga o amor que tu nunca tiveste - pois s'tou prenha do meu negro!...

OS NOMES DA ROSA

Uma releitura de NO MANANTIAL

Sabe vancê por que o furriel André esteve ausente dos batizados lá no Chico Triste?? É que ele se achava, já fazia um tempão, pra as bandas da Lagoa Mirim, onde o brigadeiro Machado tinha outra estância, em vizinhança com o território dos Minuanos. E, justamente com esses índios amigos, André negociara da parte do brigadeiro, uma grande compra de cavalos. Agora, já viajavam de volta, em comitiva, conduzindo mais de cem animais. A tropa era só florão, potros recém domados e adestrados como só os índios sabem fazer - pingos pra tudo, tanto de paz como de guerra. Alegre e feliz vinha o moço, levando junto uma potranca bragada, bem repartida, mansinha e macia de cômodo, para dar de regalo à sua Maria Altina. E não via hora de chegar, abraçar a noiva, tratar logo do casamento... mas ...coitado!...

Já estavam em terras da estância e lá no alto, entre as cristas dos cêrros, podia-se ver até a copa dos figueirões encobrindo o branco das casas. – Alto! ordenou André. Aquele que là vem a galope, é o brigadeiro!... E adiantou-se ao encontro, também a galope. Os peões da tropa ficaram olhando, curiosos, e, pelos gestos do brigadeiro para o moço, perceberam que boa coisa não estaria acontecendo. De repente, viram o furriel André encolher-se e estremecer-se todo, como se tivesse levado um tiro no peito. O brigadeiro

abraçava o moço e virava os cavalos pra as casas... depois chamou os tropeiros com gestos de braços, que anunciavam desgraça. Desgraça feia mesmo, capaz de virar um moço cheio de vida num infeliz desgraçado. Fôra duro demais saber que a noiva e seus sonhos de felicidade tinham sido sepultados pra sempre no lodo do manantial...

- Mas pensa bem, meu filho, por que queres ir para a guerra? Pelear é de lei pra um bom continentino, mas está me parecendo que o que queres é te matar,... e tão moço ainda? Era a primeira vez que o velho brigadeiro chamava André de *filho*, e sua voz tinha um leve tremor. – Não sei, pa... padrinho, mas o fato é que minha vida perdeu o sentido. Amanhã sigo pra a frente e seja o que Deus quiser.

oOo

Somente na manhã em que ia marchar pra a guerra, foi que o furriel André tivera coragem de visitar o lugar da desgraça. Aparea da potranca bragada aquela que trouxera pra Maria Altina e ali, agachado, pensava em voz alta.

Roseira, que te criaste,

No meio do manantial,

Eu quisera te tocar,

E aqui morrer, afinal...

Se o destino me roubou

A simples felicidade,

Peço ajuda a quem puder

Mitigar minha saudade...

Nisso escutou alguém chamar por seu nome. Ao seu lado, montado num petiço, estava um menino de grandes olhos negros com vincha prendendo os cabelos e, pendurado ao pescoço, o crucifixo missioneiro. – Meu nome é Chê Pyá. Minha avó mora perto daqui, lá no mato do cerro. Ela pode te ajudar a alcançar a roseira baguala. Vem comigo.

Foram juntos ao rancho de Nhã Corá. A velha índia olhou fundo nos olhos do moço e disse: - A desgraça que sofreste não é maior que a desgraça de meu povo. Vou ajudar-te porque o nosso destino missioneiro agora é, não destruir, mas construir um povo novo e diferente. Tu queres morrer, mas vais renascer. Tirou lá do fundo dois couros de boi enrolados, que mandou Chê Pyá arrastar na cincha de seu petiço até o manancial. Lá chegados o indiozito estendeu o primeiro couro sêco sôbre a sarça do atoladouro. Pisando leve com os pés pequenos, Chê Pyá estendeu o segundo couro à frente, e assim, trocando os couros, chegou até a roseira, sem que se ouvissem roncões nem se vissem borbulhas do tremedal. E já se dispunha a cortar um ramo das flores, mas André, que tudo acompanhava embasbacado, atalhou: - já me basta o que fizeste, podes voltar, indiozito guapo... pois não é que me trazes contigo até o perfume da rosa?... Ergueu Che Pyá num abraço de gratidão. - Eu pretendia soltar no campo esta potranca, mas dou-te a ti de presente. Adeus! Che Pyá, cujos grandes olhos negros brilhavam como estrelas, também despediu-se:

- Até a volta, André... toma este amuleto preparado por Nhã Corá...só abrirás quando estiveres de volta. Já despontara no lombo da coxilha o esquadrão, trazendo o cavalo de guerra. André montou e partiu.

oOo

Escondidos no capão de mato, os guerreiros minuanos viram todo o combate dos brancos. Castelhanos e luso-brasileiros bateram-se com igual valor. Ao fim da tarde, muitos corpos jaziam perto do capão, entre eles o de André, abatido por um tiro de garrucha. O cacique reconheceu e mandara recolher o corpo do amigo. Mais tarde, o furriel foi dado por morto entre os companheiros de armas. No toldo dos minuanos, a medicina indígena fez milagres. A bala foi extraída e o buraco cauterizado com ferro em brasa. Infusão de tansagem, aplicada em compressas no ferimento e também dada para beber, impediu a inflamação e a febre. O leite das éguas crioulas foi o mais poderoso dos fortificantes. Levou meses, mas o doente guareceu e recuperou-se. Então, lembrou-se de abrir o amuleto de Nhã Corá : palavras escritas em guarani, que os minuanos ajudaram a decifrar. Só então André pôde entender a estranha sedução e graça que sentira por um tal Chê Pyá...

oOo

Mais de ano se passara da despedida de André. Nesse tempo, todos os dias, o indiozito montara a potranca bragada rumo à tapera do Mariano e ficara horas a pé,

esperando, esperando.... Agora Che Pyá ainda aguarda parado à beira do Manantial. Desta vez, sua espera foi recompensada. Aquele gauchito, têsô e sarado, que lá vem montando um bagual mouro com marca dos minuanos, é mesmo o furriel André!... Tirando a vincha e soltando os longos cabelos, Che Pyá se transforma em Yndayá, a cunhataí de olhos negros e brilhantes como a luz das estrelas. Quando se abraçaram, André perguntou-lhe por Nhã Corá: - Antes de morrer, na última lua, disse-me para esperar-te que não tardarias a vir pra mim...

Com um último olhar pra a roseira, André e Yndayá partiram dali em longa viajada rumo à estância do Albardão, próxima aos amigos Minuanos. Estes, estiveram como convidados na grande festa do casamento. O brigadeiro Machado também estava lá mas, de volta a sua morada, sempre confirmou pra os mais curiosos, a morte do furriel André em combate. O que não impedia que depois, risse à sorrelfa por baixo do bigode...

O Manantial, por muito tempo - ao que se saiba não foi *desgotado* – continuou com fama de assombração. Mas, daquele dia em diante, os carreteiros acampados durante a noite só ouviram brados e praguejamentos com voz de homem. E a roseira baguala, mal nasce o dia, solta o seu perfume e floresce cada vez mais alegre e mais catita...

SEIS DIAS DE LICENÇA

Uma releitura de OS CABELOS DA CHINA

Patrício!

Este caso passou-se comigo e só agora estou lhe contando. Por vergonha de tocar nas minhas fraquezas, escondi o acontecido do meu compadre e mestre, capitão João Simões. Ao falar da china Rosa, eu só lhe dissera que... *isso de mulheres e gatos, quem mimar sai arranhado...* Por educado, ele não deu sinal, fazendo-se de sôrro manso... Mas tenho pra mim que um sabido da sua marca deve ter percebido, que eu estava lhe enredando o rastro, pois como diz o ditado, *quem desdenha quer comprar....*

Vancê sabe que eu, como soldado farrapo, passava o tempo todo empenhado em combates por todos os cantos deste Rio Grande. Numa dessas volteadas, depois do combate de Tunas, foi que presenciei a morte do Juca Picumã. E fiquei entalado com aquele feitiço de buçalete - trançado de cabelo humano!... – na minha mala de garupa, sempre à espera de uma olada para devolvê-lo à china Rosa, sua dona. Desde aquela aventura no acampamento inimigo, nunca me saía da lembrança a figura da china descendo da carreta. Seu porte ondulante, com a enorme trança caindo até o calcanhar, me fizera ferver de desejo o sangue de pôtro

novo. Mas o pai dela, o Picumã, estava ali do meu lado: eu não podia nem pensar em traír a nossa amizade!..

Não nego, que isso de sonhar, eu sonhava. Sonhava que chegasse a minha vez de encontrar a china no meu caminho. Inda mais agora, que o Picumã já não existia.... E tanto foi, que a desejada olada aconteceu...

Nosso destacamento, por ordem do comando, acampou nuns matos perto de Piratini,. Depois de um inverno rigoroso, a volta da primavera requeria a renovação da cavallhada pra o combate grande que seria travado no próximo mês, entre Canguçu e Camaquã. Mandeí potreadores de confiança com a missão de percorrer os campos da fronteira, onde tínhamos estancieiros amigos. E, na espera, tirei seis dias de licença pra tratar de assunto particular. Esse assunto, cá pra nós, era a china Rosa, que morava ali mesmo, no arrabalde da vila...

Parei de tardezita em frente à casa. Mentindo pra mim mesmo que só vinha trazer notícias, apeei, maneei o cavalo e bati palmas, com o coração aos trancos. - O que deseja, sargento?...A janela se abriu, ali estava a china Rosa em pessoa, com olhar de desconfiada pra a minha farda e as divisas. Contudo, assim que lhe falei do pai, tornou-se amistosa e convidou: – Passe o cavalo pro galpão atrás da casa, enquanto eu preparo o mate . A porta vai ficar aberta.

Deus do céu!...O cabelo já lhe crescera e, pelo visto, a trança, aquela morruda trança, já pendia até em baixo, como dantes. O resto – o rosto, os braços, o colo seiudo – era a mesma tentação morena, sonhada anos a fio e agora confirmada ao sentar-me frente a frente com ela em sua

saleta, sorvendo o chimarrão que ela servira para este farrapo de identidade não reconhecida, mas que viera de paz...

.Pra uma mulher *de vida alegre*, era de ver-se como se curvou de dor e tristeza quando lhe contei a morte do pai no hospital de campanha. Ajudei a enxugar suas muitas lágrimas, tantas que não tive coragem de falar no buçalete. Busquei consolar sua culpa, dizendo que o Juca Picumã já a perdoara no leito de morte.

Dado o recado, levantei-me - tocado pelo maldito escrúpulo - e fiz menção de despedir-me. Mas foi ela que me atalhou: - Não vá, sargento Blau1... Faça-me a companhia que estou precisando esta noite e ... vejo em seus olhos... também está querendo...

Atrás da casa também havia um piquete, bom de pasto e aguada. Ali soltei o cavalo, depois de guardar os arreios no galpão.. Eu estava nas nuvens, mas, ao voltar, fiz tenção firme de manter a calma e não atropelar. Apesar da oferta tão franca, eu não deixava de sentir muita pena da china farrista naquela hora braba de choque com a perda do pai. Abracei-a com carinho, oferecendo o meu ombro e falando-lhe de quanta amizade e gratidão me ligara ao Juca Picumã. Aos poucos a dor da afronta foi passando e ela foi se entregando a mim quase como – Deus me perdoe! – como se fosse o seu pai... Mas eu, ao vê-la assim, entregue como uma menina, beijei-a – e despertei ...a mulher. Uma mulher é para um homem, e não demorou muito, já estávamos abraçados na cama, na aventura mais louca que já passei.

Realizei aquele capricho tão sonhado, de desfazer a comprida trança, fazendo descerem as cachoeiras de cabelos negros pelas redondezas morenas do corpo, num esconde-esconde das ilhotas, coxilhas e canhadas, da cabeça aos pés. E que, ao depois, eu tornava a trançar com capricho, numa renovação daquele passeio carinhoso... Ali até bailar, bailamos, ao som de um gramofone daqueles de dar corda com manivela..Fome não passávamos, pois no comércio havia pasteis, quitutes, frutas... e vinho. Nesse entrementes, eu já fazia planos pra nós dois...

- Credo! Um bom tonto, isso é o que eu era!...

Na manhã do sexto dia a china, que dera uma breve saída, me apareceu toda *empraquetada*, de chapéu e tudo, pronta pra viajar...e bonita como nunca!... - Adeus, sargento Blau. Recebi uma carta me convidando pra um baile na fronteira. É do Ruivo – lembrás? – Lembro, sim, do Ruivo - disse eu contrafeito - aquele comandante caramuru que debandou do acampamento no cavalo que sabia galopar maneado! ... – E daí, meu *négo*? O que mais querias que ele fizesse, se estava marcado pra morrer?... Aí a china Rosa segurou minha cabeça com as duas mãos, ainda carinhosas, e me olhou nos olhos com um jeito de mãe, que... me envareto: - Te quero bem, tchê, mas não és pra mim, nem eu sirvo pra ti. Vai de volta pra o quartel, segue a tua sina que eu sigo a minha. Um dia encontrarás o lar que procuras e mereces.

O pior era que a diaba tinha razão. Quando, um dia, soube da sua morte e corri ao lugar pra devolver no caixão o buçalete que o Picumã trançara com seu cabelo, tive o choque de saber que tinha sido assassinada. Um outra china,

ciumenta da queda que o Ruivo tinha por ela, puzera veneno em seu café. Triste fiquei, e não pude segurar uma lágrima, não só de saudade, mas de admiração por aquela mulher - tão pecadora, tão farrista e... tão dona do seu nariz!...

O RASTRO DA BOITATÁ

Uma releitura de JOGO DO OSSO

Mana Dilma!...Mana Dilma!...Abre, sou eu, o Chico Ruivo!...A janela de tábuas do rancho de posteiro se entreabriu mostrando um rosto estremunhado de mulher. – O que foi, a essas horas, menino?... – Não repara, ermã. Sei que estás só, que o teu Juca anda tropeando e bati nesta janela bem rente à tua cabeceira pra não acordar os pequenos... Mana, estou encrençado, vou ter de fugir e trouxe pra deixar contigo as vaquinhas tambeiras da Lalica...é para o leite das crianças. Dilma reagiu: – Mas e a dona delas? O que é feito da Lalica, vivente? Por que estás encrençado? – Dividas de jogo, minha ermã, matei a Lalica! E o domador, constrangido, contou toda a insensatez que cometera, de apostar a própria china no jogo do osso e depois, não suportando suas desfeitas, matá-la junto com o parceiro Osoro, num impulso de ódio e ciúme. – Eu sei, mana, que foi uma barbaridade, mas o que está feito, está feito. Agora eu quero um favor teu. Vai logo esta manhãzita na venda e paga a conta da coima do jogo ao Arranhão. Não quero dar ganja àquele alarife de dizer que além de assassino eu *seje* ladrão. Posso ser um trabuzana, mas as minhas contas são limpas!...

Ao receber a paga da coima, o Arranhão teve um riso amarelo e elogiou o Ruivo pra a Dilma: - Teu irmão fez um baita crédito comigo!...

oOo

Dez anos se passaram. O bolicho arrebetado cedera lugar a um empório bem sortido, com um açougue ao lado. O Arranhão cada vez mais gordo, o mesmo jeito de cachaço, os mesmos olhos raiados e baços, os mesmos negócios enrolados, acumulara fortuna. Como não tivesse família, pegara pra criar um filho bastardo de suas ciganagens. Orgulhoso com o bonito rosto do mocito guapo e bem lançado, dera-lhe o nome de Apolo, tirado de um revista. Filho de tigre sai pintado... e o Apolo seguia o rastro do pai. Ajudante na escrita da venda e do açougue, alterava sem escrupulos, sempre pra mais, as dividas dos fregueses. As filhas dos ranchos pobres que se atiravam ingênuas nos seus braços musculosos, eram depois abandonadas sem dó nem piedade na rua da amargura. Pra o Arranhão, contudo, tais estrepolias eram motivo de orgulho - Afinal tenho um herdeiro do meu naipe!...

oOo

Quando o velho coimeiro da cancha de jogo do osso apareceu morto no seu quartinho anexo ao galpão, o Arranhão teve mais uma surpresa. Quem apareceu para pleitear-lhe a vaga, foi nem mais nem menos do que o Chico Ruivo em pessoa...- Mas tu não estavas foragido, tchê?... – Estava mas não stou mais, não senhor. Já cumpri minha pena e estou quites com a justiça – fui solto por bom comportamento.... Magro e barbudo, todo trêmulo, não era

mais o domador garboso de dantes. – Andei pegando um febrão, não tenho mais mão pra nenhum serviço bruto, mas posso tomar conta da cancha.. O Arranhão lembrou-se da coima paga, coçou a barbicha e resolveu: – Stá bom, o lugar é teu, podés morar no mesmo quarto do falecido. Pagarás pouso e comida com a comissão. - Gracias patrão, o senhor não vai se arrependêr . Sou *home* de contas limpas!...

oOo

Patrício! Assunte só como o diabo arma as esparrelas. O manda chuva na região era um tal de Macieira. Cria de família distinta, bem falante, chegara a chefe do partido do governo e sub-chefe de polícia. Enérgico e autoritário, pelas redondezas já mandara degolar muitos adversários reais ou supostos. Entretanto, o delegado Macieira tinha consigo uma balda mais do que esquisita. Gostava de dar carona em sua carruagem fechada, pra rapazes bem apessoados. Carona forçada, pois os capangas faziam o *convite* como se fosse uma prisão, levando o moço até a estância do dito cujo, pra uma *lua de mel*... sem volta...vancê me entende? Pois imagine quem teve o caiporismo de ir à sede e ser escolhido pra a carona do delegado Macieira? Justo o Apolo, o filho bastardo do Arranhão...Quando deu pelo sumiço do filho e soube por terceiros que o tinham visto embarcar na malfadada carruagem, o vendeiro foi procurar o delegado Macieira. Este o recebeu com fala mansa: - Seu Arranhão, alguma vez lhe denunciêi por suas contas enroladas?...por sua sonegação de impostos?... Então não se meta a curioso. Dê-se por feliz que eu não mande vistoriar os seus livros. O Arranhão, de cabeça baixa, aceitou o conselho. Iria *dar-se por feliz*... Mas, que felicidade poderia sentir, quando já

não tinha mais ninguém, e agora lhe sumira o filho Apolo?... Desde esse dia o Arranhão passou a queixar-se de dores no peito. Sentindo que ia morrer em breve, chamou o Chico Ruivo. – Chico, aqui tens uma procuração do meu próprio punho pra administrares após a minha morte, todos os meus bens, que guardarás para o meu filho Apolo, quando ele voltar.- Pode confiar em mim, patrão, farei tudo direitinho, pois sou *home* de contas limpas...

oOo

Com a morte do Arranhão, Chico Ruivo ficou de dono de tudo. Sarou do tremor que tinha e passou a administrar – a venda, o açougue, as carreiras, a roleta, as carpetas de baralho, a cancha de taba e até a fazendola e o gado do falecido. Sabia lidar com os empregados, apaziguar brigas dos parceiros, anotar as dividas dos fregueses e cobrar juros, tudo às claras. Com o tempo, até pegou a engordar. Seus olhos, esses ficaram pouco a pouco raiados e baços. E o lugar, na volta da estrada com suas velhas figueiras, ao chegar da noite ficava mal assombrado. Chico Ruivo via, muitas vezes, a luz azulada daquela coisa se retorcendo na escuridão. De repente saía de lá um cavalo branco a todo galope, tendo montados dois vultos abraçados, presos um ao outro por uma adaga atravessada. Ao passarem coriscando, escutava-se as risadas farristas de Lalica e Osoro. E na rabeira do rastro do cavalo, a luz retornava no corpo lustroso da Boitátá comedora de olhos...Credo!...T’Esconjuuro!...

QUAL FOI O DESTINO DE BINGA CRUZ?

Uma releitura de PENAR DE VELHOS

No tropel da carga, uma parte dos guerreiros percebeu que ia acontecer um encontro malparado. Pelo lado direito do esquadrão inimigo, esvoaçando melenas de cabelo e longas barbas escuras, vinha um grandalhão abancado em entroncado flete de pêlo tostado, que estendia as patas na furiosa arremetida, fazendo alumiar a prataria nos apêros. No punho do *Ferrabraz*, a lança pontiaguda com garras em meia lua, tinha direção certa. O bandido, só de prevalecido, escolhera entre os milicianos o mais *flaquito* de todos. Indo ao seu encontro, o piazote franzino, vestia só ponchito e chiripá, com esporas nos pés nus. Empunhava lança simples de taquara, a ponta de tesoura amarrada com tentos de couro cru.

O seu tordilho, magro e velhusco, ainda despachava cascos em galope de parreheiro, levando com presteza o guri... pra a morte certa?...

Cruzes!...Na hora do choque, o piá desencolheu-se de repente, ladeou o corpo no caco dos arreios, escapando de raspão da *meia lua* matadeira, e com mão ágil, mandou sua lança de tesoura bem no peito do adversário. No *pechaço*, a taquara empunhada pelo guri chegou a arquear-se, mas agüentou. Derrubado dos arreios, o gigante já ficou morto no chão.. Depois da carga, mesmo os que haviam

presenciado a cena, retornavam ao lugar, piscando os olhos, por duvidar do que tinham visto. – O Gurizote é mesmo levado da casqueira!...

Quando, debaixo de vivas, o piá lanceiro apeara e fôra pegar pelo cabresto o pingo tostado ensilhado, apareceu o cabo Felício pra tomar-lhe a preciosa presa: - Dá cá, guri, isto é cavalo pra guerreiro feito, não pra aprendiz! ... Mas, antes que o abusado montasse, *pra exp'rimenar o pingo*, ouviu-se uma voz de comando – Alto, cabo! Devolva o cavalo pilchado *al niño!* O espólio de guerra é de quem venceu, não importa a idade!... Era o comandante Gumercindo. A batalha campal findara com a vitória das milícias sôbre os bandidos de fronteira. Voltava a paz a reinar nos campos da Lagoa Mirim.

oOo

Levado pelo amigo Janguta, o moço Binga tremia das pernas ao entrar na pensão da dona Noca, na cidade próxima. Foi pra o quarto com a vistosa china Maruca. Mas esta, ressabiada e espertalhona, assim que pôs a mão no dinheiro do novato, refugou com desfeitas:... que a sua parte já estava consumada... e que não estava pra perder tempo com *maricotes* ...

Ao ver Binga sair do quarto, rosto vermelho e até lágrimas de vergonha e raiva, o Janguta, que escutara parte da conversa, tomou as dores pelo amigo e armou um bate-bôca. Veio a dona da pensão e entendeu tudo, pois já tinha muito mundo e era mãe de dois piazotes – Não liga, meu filho, pra os coices da Maruca, essa bruaca vai se ver comigo. Teu dinheiro está valendo, deixa que agora vou te apresentar uma chinoca de verdade. E chamou pela Dorinha.

oOo

- É a tua primeira vez, meu nêgo? Pois até que saíste muito bem!...Sabes que fui com a tua cara? Até pareces gente lá do meu pago, o Pantanoso...Já refeito e embalado nos carinhos de Dorinha, o Binga mal acabou de escutá-la, sentou-se na cama, os olhos mui arregalados: - O que é que tu estás me dizendo?! Também és do Pantanoso?...Resolveu então abrir-se com a moça, confiando-lhe sua história – Depois que fugi de casa, tornei-me foragido da justiça, pois feri um patrão fazendeiro que tentou me surrar. Mas a saudade é muita, não vejo hora de procurar meus pais ...vou arriscar, de qualquer maneira... Binga parou, pois vira a Dorinha ficar de repente séria: - Sinto te dizer...agora é tarde, meu nêgo...os teus pais já se foram... E ela contou-lhe tudo, o penar doloroso dos velhos, o pranteado entêrro da mãe, a morte do pai e as manobras do padre gringo usurpador dos bens da família. A chinoca ainda guardou no quarto, pra que o infeliz pudesse conter os arrancos de soluços que o sacudiam, dominar-se e ir embora de cabeça baixa, como um condenado.

oOo

Binga Cruz voltou muitas vezes a visitar Dorinha. Até que um dia veio despedir-se. - Estou indo pra a guerra e... quero que saibas que foste a primeira.e... és a única mulher da minha vida!

- Mas o que é isso? reagiu a chinoca. Estás querendo fugir de mim?... - Não é isso, minha querida. É que desde que cheguei nestes pagos há anos, fiquei devendo um rio de

favor ao comandante Gumercindo. Ele me recolheu em sua fazenda, com ele aprendi a brigar de lança contra os bandidos de fronteira e me tornei gente. Mas ele foi perseguido e preso pelos contrários, até já o ajudei a escapar da prisão. De lá do Uruguai onde se acha refugiado, mandou convidar-me pra fazer com ele a revolução. É pela falta de liberdade e justiça em nosso país. E é por isso que sou obrigado a te deixar...

- Mas então que não *seje* por isso, respondeu calmamente Dorinha. E fincou pé: - Eu lhe acompanho nessa guerra, seu Brasilino da Cruz. Se esta é a tua sina, será também a minha, pois que te amo. Serei vivandeira e guerreira. Tem um lugar pra mim na tua garupa?

oOo

*Por dois anos em guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
Do Paraná, voltavam ao Rio Grande,
Sem um alce, sequer, da luta insana...*

Travava-se o combate do Carovi. O general Gumercindo saiu de sua barraca, formou uma pequena escolta, e montados saíram contornando o Cerro. – Quero olhar a carga de cavalaria do mano Aparício. Mas, na encosta do cerro, havia o capão de mato. E, dentro dele, emboscada, a patrulha inimiga... – *É o general, atirem no general!...* Os tiros de fuzil feriram Gumercindo e seu ajudante, o tenente Binga Cruz, que foram às pressas recolhidos ao acampamento. Era o desastre. Horas de agonia dos dois heróis. Atingido no pulmão, Binga tinha a cabeça no colo de Dorinha, que chorava em silêncio. Com

a voz cortada, Binga virou-se para o amigo ao lado: - escuta... meu irmão... Janguta ... o coronel ... Aparício... vai proteger... a nossa retirada... Promete-me ... cuidarás... da minha Dorinha... e do filho... que ela espera... de mim...Seja... um menino... ou ...uma menina... vai precisar... de escola... pra ser uma grande pessoa... lutar...pela felicidade...e a paz...do... Brasil...Chega de... guerra civil!...Paz!...Por fim, veio a febre e o delírio: - ...*Enfim... pail...enfim...adorada... mãe!...quanto... sofrimento...lhes... causei... por... uma ...bobagem!... Perdão!....Perdão!...*

O BATIZADO DO NETO

Uma releitura de CONTRABANDISTA

Patrício, aqui me apresento. Sou o Salomão Mascate . Eu estava, junto com o compadre Blau Nunes, na casa do Jango Jorge, para a festa do casamento da filha. Naquela mesma festa que a desgraça interrompeu... Assisti ao enterro do desventurado contrabandista.. Na despedida, foi colocado no caixão o pacote com o vestido ensangüentado, que a filha não iria mais usar. Pobre amigo!...Pobre família!...Naquela hora, a pessoa em quem eu mais pensava era na viúva Rita, coitada, tão bela no sofrimento. E não lhe escondo que sempre tivera por ela uma grande ternura, mas não mais do que isso, pois pra mim mulher de amigo é como se fosse homem... O compadre Blau, após o enterro, foi embora do povoado.. Mas eu, que fiquei no lugar, conto-lhe o que vi acontecer depois.

Quando afinal o luto aliviou, a filha Ritinha e o seu noivo Mauro – um belo rapaz, boa praça – acabaram casando. Casamento simples, desta vez. Foi aí que o seu Nestor, pai de Mauro, apareceu, chegado de viagem, e aproximou-se à família. Comerciante forte na cidade, simpático e folgazão, o Nestor bem que tentara arrastar a asa para a viúva Rita, mas esta, que só tinha pensamentos para o falecido, ignorara suas deixas.. Nestor contudo, não era de desistir fácil. Empregou os três filhos dela, agora órfãos de pai – Lúcio, Pedro e

René – como caixeiros em sua loja. E, num fim de semana, inventou de convidar os três moços, mais o seu próprio filho Mauro, agora cunhado deles, pra uma caçada de antas, nos matos do rio Ibirocaí, onde ele possuía uma fazendola. Na saída da cidade, com a carroça cheia de armas e barracas, pararam em meu bolicho, pra se abastecer de bolachas, farinha, xarque e lingüiças.

Na viagem, Nestor, deitava praça de caçador experiente:- Caçar cervos e veados é fácil, basta esperar enchente, quando os bichos saem pra fora do mato. Aí, é só dar rédea ao cavalo e caçar com laço e boleadeiras.. Mas a anta, não! Essa, gosta da água. Em tempo seco, é nas fruteiras que elas se ajuntam. Dali, correm pra dentro do mato, descendo no rumo do rio . Então, precisa-se ter outro ardil.

Chegados ao acampamento Nestor separou três do grupo – o filho Mauro, mais Lucio e Pedro os dois mais velhos: - Vocês ficam percorrendo a beira do mato até dar com algumas fruteiras de araçás, guabiobas ou pitangas, com o chão forrado de frutinhas caídas. Ali, as antas se alimentam junto às pacas. Assim que as encontrarem, espantem, que as bichas vão tomar seus carreiros ou vão abrir caminho mato a dentro. Nós dois, - eu fico com o René, que é mais novo - vamos fazer espera lá embaixo, na passagem já conhecida.

No caminho pelo mato, Nestor puxava conversa e abria os seus planos para o mais novo dos três irmãos: René, tu podes me chamar de tio – mas o que eu gostaria era ser um novo pai de vocês. Se dona Rita me quiser como marido, seremos uma nova família muito feliz. O que tu

achas? E assim conversando, chegaram ao local. Era uma encruzilhada formada pelo encontro de dois córregos no meio do mato, passagem obrigatória das antas para o rio. Nestor orientou René, a ficar de *Winchester* em punho, atrás de um velho. angico - Eu fico lá do outro lado, escondido naquele tarumã morrudo. Quando as bichas cruzarem o passo é que se começa a atirar. Não demorou muito e já se escutavam os latidos da cachorrada, tiros e os gritos de “ Lá vai anta! “ René, excitado, viu aparecerem depois de grande estardalhaço nada menos que cinco animais escuros e grandes, quase amontoados num galopão pesado, rumando à travessia do passo. Dali do seu posto – o angico estava num pequeno cocoruto – era tiro certo. Por isso, mesmo novato, René não perdeu tempo. Cinco tiros soaram de sua espingarda de repetição. Viu três antas caírem, atingidas. As outras duas escaparam na descida. Então, o jovem caçador desceu a procurar o companheiro. Foi quando, ainda incrédulo, viu, ao pé do tarumã, um corpo que não era de anta. Por desgraça, - talvez pelo maldito desnível do terreno, um dos seus tiros pegara o sovaco do *tio* Nestor e lhe varara o coração...

Ao descer para ver o resultado da caçada, foi esta cena de morte e desespero que encontraram os dois irmãos mais o cunhado Mauro. René, soluçava que nem uma criança e dizia: “Matei nosso segundo pail...” Na triste viagem de volta, o próprio Mauro, mesmo compungido, teve a nobreza de consolar o cunhado: - Foi fatalidade, perdi meu pai mas não é culpa tua, acalma-te René.

Na cidade, todos testemunharam em favor de René, que saiu livre. Ele porém, carregado de remorso, nem apareceu no enterro.

Herdeiro único dos bens do pai, e contabilista formado, Mauro mantém na loja os três irmãos. Ele havia-se formado na Capital, por providência da saudosa mãe. É a primeira vez que pega as rédeas dos negócios do pai. Depara-se com as escritas enredadas, aumentos irregulares nas dividas de fregueses e sonegação costumeira de impostos. – Vou acabar com toda essa roubalheira, - diz o moço para si mesmo. Certo dia, remexendo nas gavetas, Mauro descobre um caderno contendo escritas separadas com a letra de Nestor. Ninguém vê quando Mauro, após ler o caderno, fecha-o com nervosismo e guarda em gaveta chaveada. Aquela noite Mauro deita cedo e a esposa Ritinha nota que ele chora. – Ainda não se conformou com a perda do pai, pensa ela, redobrando de carinhos e aconchegando-se ao marido.

Veja Patrício, agora sou eu, Salomão, que estou indo visitar a viúva Rita. Ainda que quisesse, não pretendo assediá-la, mas tenho um motivo muito forte para procurá-la.

- Do que se trata, amigo Salomão? Rita me recebe com a amizade de sempre, desde o tempo em que eu tinha negócios com Jango Jorge e saía a mascatear ao seu serviço.

Conto-lhe então o que minha irmã soubera por meio do marido, um escrevente da aduana.

- Numa noite, antes da escaramuça em que morreu o Jango Jorge, aparecera lá na aduana um cavaleiro encapotado, e confabulara longamente com o sargento Rufo, o chefe do destacamento, conhecido por ser bandidaço. O escriturário, sem querer, ainda ouvira o tal sujeito rosnar que queria a cabeça de Jango Jorge. E ainda pôs uma sacola de dinheiro nas mãos do sargento, prometendo mais pra depois do serviço...Então, Rita, tu vês que o encontro que matou teu marido não foi acaso, mas uma emboscada, uma traição armada de propósito!...

Veja, patricio, que tive de amparar nos meus braços a querida viúva Rita, em seu choro tremido de soluços. – emoção bárbara pra um cristão apaixonado segurar, pois não é?...

oOo

- Ritinha minha filha e Mauro, meu genro, será que eu posso fazer-lhes um pedido? Queria que vocês batizassem esse rico nenêzinho com o nome do avô, Jango Jorge!

– Sim mamãe! concorda Ritinha.

- Sim, minha sogra, nada mais justo! apressa-se Mauro em concordar.

Nesse momento, sem ser esperado, intromete-se René:

_- Muito me admira que tu, Mauro, esqueças o teu próprio pai Nestor, avô legítimo desta criança e um comerciante legal! Ele é quem merecia dar o nome de

batismo ao filho de vocês, pois nos protegeu numa hora difícil. Não é uma ingratidão esquecer isso?

Criou-se um mal estar, pois a avó Rita sentira-se ofendida e lembrara ao filho caçula o dever de orgulhar-se do pai, ao que René respondera: - Orgulhar-me do que, de um *contrabandista*?...

Mauro – que, na Capital, aprendera muito mais do que as regras da contabilidade, pondera ao açodado menino: - Olha, René, estamos no regime republicano e aprendeste na escola que o contrabando é atividade condenável. Olhando para os dias de hoje, esta é uma verdade atual. Mas olhando nossa história, temos de relativizar o julgamento de muitos gaúchos, aventureiros, mas portadores de virtudes cívicas e patrióticas reconhecidas. Se eu não tive pejo de namorar e casar com uma filha de Jango Jorge, foi também por conhecer e admirar as batalhas que ele travou na defesa de nossas fronteiras. Feliz de ti pelo pai que tiveste - e pobre de mim, que não posso dizer o mesmo de meu pai!...Ante a surpresa geral, Mauro arremata:

- Condenar-se hoje o contrabando, é justo. Mas há que condenar-se igualmente a sonegação praticada por comerciantes com a máscara de uma falsa dignidade. Tenho as provas do que estou falando, nos livros e assentamentos da loja do Sr. Nestor, meu falecido pai. -

René, meu cunhado e meu irmão, não blasfemes contra o teu pai. Aqui, neste caderno, tens a prova de que o Jango Jorge, um contrabandista, podia valer mil vezes mais que aquele que chamaste tio Nestor; esse que, para infelicidade minha, era meu pai!...

- :Sim, sem dúvida, um *comerciante legal*... Mas comprou capangas da polícia pra

matar o teu pai. E, nos negócios sujos que praticava ,conseguia arrematar por bagatela as mercadorias apreendidas pela aduana. Grande inveja tinha do bom gosto das mercadorias trazidas pelo teu pai, tão atrativas que desviavam fregueses da sua loja. Como se não bastasse tudo isso - invejava até a felicidade no casamento do teu pai - ao ponto de pretender roubar-lhe a própria mulher!...

O caderno foi examinado por René e, um a um, todos os membros da família acordaram. Não havia como duvidar. Eram as confissões detalhadas, do punho do próprio Nestor....

o0o

Patrício, estou indo, como convidado especial, para o batizado. Vou com as melhores pilchas deste Salomão mascate - gaúcho pobre mas honrado. E penso na minha Rita, no olhar de promessa com que me brindou. Penso no seu neto, agora com o nome daquele herói gaúcho que foi também o mais romântico contrabandista por mim conhecido e estimado - para sempre, Jango Jorge!....

UM ESTRANHO NO NINHO

Uma releitura de O MENININHO DO PRESÉPIO

Na Estância do Lagoão das Lontras, os Natais se sucediam, ano após ano, com a devoção constante do casal Vieira ao “menininho” do Presépio, patrono da felicidade daquele lar. Somente o velho Miguelão, pai de Nhã Velinda, vivia socado em seu rancho sempre emburrado e maleva. Ultimamente, já quebrado de reumatismo, parecia que chegava ao fim. Quem não descuidava dele era a filha. Aquele anjo caído do céu não deixava nada faltar; e ficava lá por horas a cuidar do velho doente, aturando suas ingratidões. Até colocara uma moça chamada Anita, mui prendada e pacienciosa, que, na ausência da filha, dava-lhe o mesmo carinho. Mas o velho era mesmo um jerivá torto como o finado genro aquele, que encontrara triste fim num bochincho de carreiras. E os dias iam passando, e o Natal se aproximando, até que....

ooo0ooo

- Buenas! Posso entrar? Anita chegou à porta do rancho e viu, já desmontado do burrico, aquele estranho, cujo rosto não dava pra divulgar meio velado na sombra do chapéu de palha.

- Vim visitar o senhor Miguel e ver se posso ajudar em alguma coisa. Vestia hábito de sacerdote e tinha gestos tão

educados e suaves que a moça não duvidou em fazer entrar. Junto ao catre onde jazia o Miguelão ardendo em febre, o recém chegado sentou-se e pôs a mão em sua testa. – Fala meu filho, estou aqui pra te ouvir. – O moribundo arregalou os olhos e balbuciou: - Fa...falar... do que, Padre?...- Conta-me tudo da tua vida, que eu verei o que posso fazer pra te ajudar...

Então, aquele bicho bruto começou a falar, enquanto algumas lágrimas grossas lhe escorriam molhando a barba. Contou de sua vida de gaudério, cruzando o pampa na faina aventurosa e incerta de matar e courear rezes . Por isso, mesmo quando se justara de posteiro do velho Vieira, não perdera o vício de se apropriar do gado alheio. E a china que trouxera na garupa, morrera de parto quando nasceu Nhã Velinda. Criara a menina e, assim que menstruou, a casara com o gaudério de sua confiança, muito mais velho do que ela, “pra ficar comprometida desde cedo e assim não me fazer passar vergonha . Mas nada adiantou., pois ela , mulher casada, se embeijou pelo filho do dono da estância. Merecia morrer, mas o Demônio foi mais forte e usou do próprio Natal pra salvá-la, assombrando meu genro vingador. Por mais que ela agora faça, nunca a perdoarei por ter jogado meu nome na lama. Não acha que fiz bem, Padre?”

O visitante cofiou a barba por instantes; e então tornou a colocar a mão carinhosa na testa do moribundo. – Meu querido filho, nesta hora eu te absolvo dos roubos de gado. Foi um erro, sim, mas não um pecado do inferno, pois nunca tiveste escola para saberes o que fazias. Teu pecado é outro, e diz respeito ao modo como trataste tua filha. Tudo se perdoa, menos a falta de amor. E, desde o começo, praticaste

o pior dos roubos. Roubaste o futuro de tua própria filha, obrigando-a a casar-se sem amor, para ajeitar teus negócios errados. Por isso, não foi o Demônio, mas a Providência, quem a salvou.

- Mas então, Padre, qué...quer dizer... que estou... condenado?...Miguelão suava e tremia, soluçando entrecortado. Mais uma vez o confessor levou os dedos à barba e mais uma vez espalmou a mão na testa do velho. – Por que condenar-te, se já foste castigado pela própria solidão em que te encaramujaste por todos estes anos? Nada disso, meu filho. Pra recuperar a tua paz, tu só precisas fazer uma coisa: Iluminar tua alma com o amor e abrir o coração à tua filha. Não tens nada que perdoar, pois o errado és tu., reconhece isso. Ela sim, que tinha tudo pra te condenar, já te perdoou.

oOo

- Buenas! Posso tomar um mate com vosmecê, Major Vieira? Sentado à sombra da figueira, o estancieiro franziu o cenho ao deparar com a estranha figura que apeava do burrico em seu terreiro. – Benvindo, Padre! Sente e aqui stá o amargo, ainda bem que não me chamo João Cardoso...Mas, quais são as novidades?

- Meu filho, estou vindo do rancho do teu sôgro, que está nas últimas. Antes de conversarmos, precisas dar recado a Nhã Velinda, de que o seu pai precisa falar-lhe urgente. O recado também é de Anita, que está lá no rancho com ele.

O feito já estava com cavalo atrelado. Nhã Velinda cumprimentou o Padre e partiu.

- Agora, meu filho, peço que me fales da tua mocidade.

Meio envareitado, tropeçando nas palavras, o ex-cadete, agora major Vieira, foi se confessando de todas as haraganagens cometidas no tempo de solteiro. As filhas da pobreza de que se aproveitara no jogo da sedução; e o mal que espalhou nos ranchos, com suas loucuras de adolescente. Mas tudo cessara, desde que conheceu sua amada e atual esposa Nhã Velinda.

- Tudo se entende, meu filho, mas... podes dizer-me o que fizeste até aqui para reparar aqueles malefícios?

- Muito pouco pôde ser feito, Padre, já que a vida não dá volta atrás. Perfiliei meus filhos naturais – como a nossa Anita – custeando sua educação para serem nossos herdeiros. E trabalham todos aqui na estância. Ah! Faltou dizer que tudo isso foi idéia de minha Velinda, e que agarrei com as duas mãos. Após a confissão, o Major pediu licença e entrou para vestir-se e sair. Quando voltou, o visitante desaparecera, com burrico e tudo.

ooo0ooo

Miguelão está mesmo nas últimas. A custo, pede para Anita ajudá-lo a erguer-se na cama. Contempla a filha recém chegada; e sua fisionomia, de carrancuda que era, mostrava agora uma face aberta e descontraída. Seus olhos, antes baços e duros, estão agora límpidos e amorosos.

- Velinda... minha filha... Quanto êrro!...Perdoa ... este velho... xucro e ... infeliz!...

- O que é isso, Pai?... Agora, que me fazes tão feliz, não podes morrer! Abraçada ao velho entregue, Velinda soluça.

O major Vieira ainda chega a tempo de assistir o ultimo suspiro do sôgro. - um Miguelão diferente, de fisionomia leve e sorriso de profunda Paz....

- Olha meu amor, sou capaz de apostar que esse Padre desconhecido é mais uma artimanha do nosso Menininho do Presépio. Pois, como dizia o compadre Blau...o diabinho não é tão milagroso?

A MOEDA

Uma releitura de TREZENTAS ONÇAS

Patrício! Vancê já viu um homem escrever uma carta pra si mesmo? Pois aconteceu; e eu dou testemunho... Esculte:

Numa das tropeadas de gado pra a Tablada de Pelotas, foi que conheci um capataz mui campeiro chamado Fidêncio Gentil do Amaral, mais conhecido como *Gentil*. O que mais chamava a atenção é que o dito cujo tinha falta de uma perna, perdida segundo diziam, de uma cornada de touro num rodeio de estância, lá pros lados de Dom Pedrito. A ferida arruinou e... Mas o caso é que o Gentil sem a perna, montado em seu malacara, não fazia diferença dos melhores peões que já tenho visto. Fizemos amizade e chegamos a trabalhar juntos em tropa. Ele sabia ler e escrever, mas era de pouca conversa. Um dia, quando alguns companheiros de viagem nos convidaram pra uma roda de truco, o Gentil recusou com um jeito tão brusco que me intrigou. – Esse Índio já está marcado na paleta, pensei. Quando estivemos sós, ele contou -me que já tinha sido jogador viciado, mas que se curara por causa de uma moeda. – De uma moeda?...duvidei. Então o meu amigo foi aos arreios e tirou lá de seu peçuelo um papel amarrotado. - Está aqui, amigo Blau, nesta carta que escrevi pra mim mesmo, a prova do que te falei. Peguei a carta e, à luz do candieiro, li o seguinte:

Acampamento em Sarandi, 8 de dezembro de 1902

Mas o que é isso, seu Gentil? Pois não és tu Fidêncio Gentil do Amaral, o capataz de tropa mais admirado em toda a região? Aquele que, mesmo com falta de uma perna e a muleta de companheira, nunca encontrou dificuldade em montar, laçar, passar van ou nado em rio caudaloso, dormir ao relento e comandar a peonada mais remissa que fosse... homem de contas certas, elogiado sem reservas pelo patrões? E agora, abichornado, curvado ao passo do cavalo, de olhos baixos, tu nem vês o sol de inverno raiando nessa madrugada gelada de renguear cusco? Tudo por aquela maldita parada da venda na curva da estrada. Parada de se chegar emplumado, frajola, e arriscar toda a fêria a noite inteira, para sair depenado, afrontado, desfigurado. Quem sou eu, meu Deus, quem sou eu? Não sou mais o Gentil, o do nome de respeito, o de alma forte e coração sereno, não passo de um pobre bicho incapaz de olhar nos olhos a mulher e os filhos. .. Lá está a porteira da passagem dos Mendes. Mesmo sonolento, vou abrir sozinho a cancela sem precisar appear, e deixar fechada no mesmo envião. Mas...o que é aquilo? É um guri que vem correndo da casa, machucando os pés descalços no gelo do pasto orvalhado. Tão cedo sofrendo prá ganhar um trocado... e eu não tenho sequer uma moedinha. Está abrindo a porteira prá mim, não posso deixar de encarar seus olhos azuis. Percebo que o guri se toca ao ver a muleta que trago no assento, atravessada aos pelegos. Então ele...Mas que raio de guri!... estende a mão e me alcança... uma moeda!...Estou louco de vergonha, mas pego a esmola e sigo caminho. É isso mesmo, seu Gentil, é o que tu és, - um aleijado indigente, um indigno daquele guri madrugador, que tirou de sua fêria de ontem prá te ajudar no dia de hoje. Pois olha, gurizito, com essa moeda tu pisaste no meu poncho, feriste o meu brio de gaúcho, muito mais do que mil conselhos. Podes escrever em teus olhos azuis... nunca é tarde prá recomençar... Eu vou me curar dessa porcaria de vício - ou não me chamo Fidêncio Gentil do Amaral! .

..

Pois é assim como lhe conto, Patrício!

Por aquela carta, fiquei vendo que nem sempre é preciso o cristão passar um susto como aquele que eu passei certa vez... quando perdi trezentas onças do meu patrão... pra ver de perto o inferno aqui na terra, a ponto de querer morrer ... e ao depois - com a ajuda dos *milagres* do pago ... nascer de novo. Pois não é que aquele diabo de gurizito atirou no que viu e acertou no que não viu?...Ou seria ele um *zaori*, um dos tais anjos que atravessam tudo com o olhar?...